



"TALVEZ POR ISSO ME REVI TANTO  
NA SUA MÔNICA. NELA ENCONTREI  
UM PEDACINHO DE SI, DE MIM, DE  
PESSOAS QUE AMBOS DEVEREMOS  
CONHECER E QUE FAZEM PARTE  
DOS NOSSOS MUNDOS"

PAULA FREIRE

AMOR PECADOR 2 E AS  
**LAGRIMAS**  
da poesia

TCHIZA

LÁGRIMAS

da poesia





Venho brilhar no nosso céu noturno

## QUEM SOMOS



— É um grupo de roteiristas angolanos que se uniram para dar vida longa a um universo de histórias em quadrinhos. Focados em construir um universo cientificamente explicado e socialmente emocionante.

## POR QUE KATONGONOXI



— Assim como o povo Lunda-cokwe designa os pirilampos por "Katongonoxi" o grupo está visado a dar um pequeno brilho ao nome de HQ angolanos.

## POR QUE ESSE PROJECTO



Nossos projectos estão em carteira durante anos, não conseguimos seguir com nenhum por falta de investimento. Portanto, se és algum empresário ou alguém disposto a ajudar jovens sonhadores, estás convidado a conhecer um dos nosso projectos e poder financiá-la



KATONGONOXI HQ

TCHIZA | K.HQ

Todos os direitos reservados.

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou parte, sob qualquer forma ou meio, NOMEADAMENTE FOTOCOPIAR OU PARTILHAR, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

## Ficha técnica

**Título:** Amor pecador 2

**Autor:** Tchiza

**Edição e Revisão:** Paula Freire

**Capa:** Tchiza

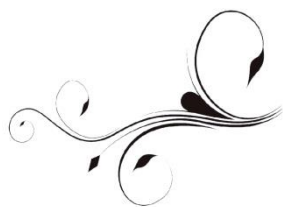
**Diagramação:** Alexandre Barros

**Imagem da capa:** Paula Freire

**1ª Edição:** Maio de 2023

**ISBN:** 978-989-33-4611-2

**Copyright © 2023**



Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão...  
que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades e às pessoas,  
que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que  
valeu a pena!

— **Adriana Britto**

A arte mais nobre é fazer os outros felizes.

— **P.T Barnum**



## Índice

Prefácio.....	I
Capítulo 1: Um novo fim.....	2
Capítulo 2: Trabalho em equipa .....	5
Capítulo 3: A lágrima negra .....	9
Capítulo 4: Primeiro encontro dos pesadelos .....	14
Capítulo 5: O pintor de emoções .....	20
Capítulo 6: O aconselhamento parental.....	26
Capítulo 7: A visita e um passeio pela loucura .....	32
Capítulo 8: As rosas falam .....	37
Capítulo 9: Gente que é gente .....	44
Capítulo 10: Novas descobertas .....	51
Capítulo 11: Como vai ser agora? .....	54
Capítulo 12: A loucura e a vida.....	59
Capítulo 13: Uma lição importante .....	63
Capítulo 14: Uma lágrima qualquer .....	68
Nota útil.....	76

## Prefácio

Podem os mesmos erros do passado voltarem a repetir-se? Se sim, qual o objetivo? Terá o universo as suas próprias leis para nos acordar no tempo e ensinar a ver com outro olhar, um novo despertar? Que missão nos cumpre atender em busca de todos esses finais que desejamos felizes?

Para Mônica, não passariam de uns dias como outros quaisquer, a realizar um trabalho escolar desinteressante e, aparentemente, sem grande significado, junto daquele colega arrogante e irresponsável que possuía o dom natural de lhe despertar a irritação e fazê-la desejar manter-se afastada dele. Para José, ela era a necessidade de uma terapia que justificasse ódios nascidos sem razão e culpas inocentes de um passado ainda recente.

Mas poderão aqueles que conosco partilham as memórias mais profundas e o sangue que nos corre nas veias, conceder-nos, alguma vez, a ansiada libertação? Ou, porventura, com eles nos afundaremos num oceano de verdades que preferíamos nunca nos terem sido reveladas? Será que o amor liberta mas, em simultâneo, também nos aprisiona? Onde fica o sentimento no meio das discórdias da razão?

Serão as reflexões a que Tchiza, desta vez, procura conduzir o leitor através de uma história narrada pelas palavras e pelo sentir de Mônica Rya Uchi. A filha que Lamba, o protagonista do nosso conhecido romance, *Amor Pecador*, nos deixou antes de partir, para dar continuidade ao seu propósito de procurar fazer o bem, aqui neste mundo, enquanto nele se estiver presente. A doce e rebelde Moni que, ainda cedo e a cada passo dado, a cada revelação feita, vai perdendo a inocência da vida e descobrindo o que o seu delicado mas cortante fio pode fazer ao coração, à alma e ao corpo de cada homem e mulher.

Mas Moni também percebe que os seus ancestrais jamais a abandonam. Quando acorda depois dos sonhos, eles são os guias dos sonhos que ainda poderá viver depois de acordada. Os seus murmúrios abraçam-na com os gigantescos braços da saudade. As vozes deles embalam-na em cada sobressalto, em cada solidão, em cada ausência, em cada receio que a fustiga. São eles a força que procura dentro dela para seguir adiante.

E Mônica não está sozinha. Como o pássaro que regressa sempre ao ninho, surge José. Engraçado, divertido, ousado e irônico, o jovem que, à partida, é um convite à inimizade, torna-se o porto seguro da sua desgraça feliz. A revelação de que todos somos humanos nas nossas imperfeições e de que a sensibilidade é um mar que se navega, corajosamente, entre todas as lágrimas que somente a poesia é capaz de soletrar.

Há sempre uma maravilha nos olhos de Tchiza!

*As Lágrimas da Poesia* é uma história prática, leve, mas profunda. Fala-nos das emoções, da dor e da forma como as palavras as adivinham e lhe dão cor. É uma história de encontros e desencontros, de amizades e inimizades, de espanto e surpresas inesperadas, de silêncios desorientados.

Uma história onde o amor descobre o seu lugar certo para morar e dar sentido aos percursos da história de cada um.

Uma história que nos mostra que, para encontrarmos a simplicidade e o prazer da vida, dentro de todos esses minutos que nos fogem das mãos, nem sempre tem que existir a certeza de um final feliz.

***Paula Freire***



# Parte I

O meu coração emudeceu quando ele balbuciou, ao olhar para mim:

- Filha...

Não sei como, mas era ele, sim. Era o Lamba Rya Uchi! E reconheceu-me....

Se era mesmo ele de verdade, não que duvidasse que fosse ele, mas se era mesmo ele, a única coisa que me ocorreu, foi como conseguira forjar a sua própria morte. Como recuperara a vida que já lhe havia sido tirada? Como e por quê?

Antes disso...

## Capítulo 1: Um novo fim

Todas as manhãs pergunto-me qual é o sentido de viver sem chorar. Viver num mundo sem lacrimejar. Por nada, a pessoa liberta o salgado mar da cidade das emoções.

Qual o sentido disso?

Alguém me disse uma vez que só sabe levantar-se quem alguma vez caiu...

Uma longa caminhada é percorrida neste livro imprevisível.

Eis o que aconteceu nos últimos dias de vida do meu ancestral.

- Meu amor, se estiveres a ouvir-me, por favor... acorda. A nossa filha precisa de ti - clamava chorando a senhorita Xica, sentada ao lado da cama do jovem Lamba.

Chorou bastante, orou bastante. Perguntou por fim:

- Não achas que já dormiste demais? - Ao dizer tais palavras, levantava-se para se retirar do quarto e Lamba abriu os olhos. Ela assustou-se e recuou. O coração batia forte como se fosse explodir. Entretanto, alguns segundos depois, voltou a aproximar-se e agradeceu a Deus. Beijou as suas mãos e perguntou como se sentia ele. Porém, Lamba não conseguira mover-se ou falar, era como se todo o seu corpo já estivesse morto e apenas os seus olhos vivos. Xica chamou a enfermeira que almoçava e que entrou rapidamente para atendê-la... Ligou aos amigos informando-os de que Lamba já havia acordado. Estes comunicaram a outros amigos e, na manhã seguinte, todos já estavam na casa dos pais do Lamba. O pai autorizou que entrassem para verem o seu filho.

Cada um se pronunciava como se fosse a última vez que veriam Lamba. Uma jovem chamada Neusa segurava um bebé e disse ao Lamba:

- Meu amigo, a semente que germinamos no dia do herói, na rua do final das desgraças, junto ao reinício das maravilhas, fez brotar uma planta. Carregarei sempre água no meu colo para regá-la e irei sempre regá-la para dar os frutos que forneceste na vida a todos aqueles que ao teu lado estiveram. Devo pedir desculpa por partilhar a responsabilidade com o boneco do ginásio...

Ainda falaram muitos outros e por último falou a jovem Xica:

- Lamba, quero apresentar-te a nossa filhinha. Nós te daremos a força para te recuperares e cuidares de nós. Precisamos de ti, és o único homem que eu realmente amei e nunca te irei substituir...

Lamba não conseguia mover-se ou falar, mas podia ver e ouvir.

Ao ouvir tudo que os amigos e familiares lhe diziam, os seus olhos não aguentaram mais segurar aquele rio de lágrimas que, então, transbordou.

O cardiógrafo alertou para a paragem dos movimentos do coração e, lentamente, o jovem Lamba foi fechando os olhos e morreu.

Com o passar dos anos, Xica mostrou sempre que conseguira superar a morte do seu amado, mas dentro dela havia uma explosão que não tinha fim... Passados dezasseis anos desde a morte do jovem Lamba, Xica tentava fazer a vida mostrando um rosto de coragem. E tudo ia seguindo.

...

Desculpem-me, não fiz questão de me apresentar... Olá! Chamo-me Mônica Rya Uchi, sou o fruto da doce concupiscência da senhora Xica e do jovem Lamba.

Frequentava, então, o último ano do ensino secundário. Vivia com a minha mãe no barro Cambimbi, mais especificamente nas "Mil Casas", município de Lucapa. Estudava numa escola privada localizada no Centro.

Tudo era mais que lindo naquele ano, era perfeito, mas as coisas começaram a sair do seu percurso certo no último dia, pelo encerramento do segundo trimestre.

Fui ao encontro das minhas duas amigas, Vânia e Lúcia e de um nosso amigo também, o Jorge.

Sempre fui apaixonada pelo Jorge, mas ele gostava da Vânia, embora ela nada sentisse por ele. Íamos juntos para a escola todos os dias e eu tentava chamar-lhe a atenção, mas ele mostrava-se rendido aos pés da Vani.

Quando chegámos à escola, logo na entrada, encontramos o rapaz mais popular da escola, o José André que, no momento, recebia algum dinheiro de um miúdo da sala da Lúcia.

O José estudava na mesma sala que nós. Era o melhor aluno da turma. As minhas notas aproximavam-se das dele, mas ele ganhava-nos a todos. Perguntávamo-nos como era isso possível. Como é que alguém que não gostava de estudar e mal acompanhava as aulas, podia tirar tais notas nas provas e exames? Todos os dias ele

passava no gabinete do diretor e, com certeza, não era para bater um papo com ele... A resposta que nos chegava sempre ao consciente, era que o José fazia cábulas. Felizmente para ele, era amigo de todos os professores e estes riam das suas piadas sem graça, algo que eu detestava muito. Assim como o detestava a ele.

Quando o vimos à entrada com o outro miúdo, ignorámos a situação e fomos para a nossa sala.

Talvez fosse hora de procurar um novo início e construir um novo fim. Talvez tivesse chegado o momento de dizer chega ao trágico passado, o momento de esquecer as tristezas e começar a ser feliz... lutar para conquistar um novo final, um final feliz.

Mas isso será mais adiante.

Ainda não sabes? Então ficas a saber: eu sou Moni e a minha história começa agora.

## Capítulo 2: Trabalho em equipa

Quem perde uma batalha, sente-se vencedor só pelo simples facto de ter lutado.

Quem perde um ente querido, sente-se pior que um falhado que desistiu antes mesmo de ver o campo de batalha.

Diz um poema do meu pai:

*“A dor é uma amargura que inibe a doçura das boas vivências  
que exalta o mundo mágico da depressão  
e ignora os positivos batimentos do coração  
que torna a vida um fardo para carregar num ombro desfalecido.”*

Estava eu sentada no meu canto a conversar com os meus amigos, quando me apercebi pelos gestos, murmúrios e as lágrimas a caírem-lhe pelos olhos, que um dos meus colegas estava triste. Fui saber do seu problema e tentar ajudá-lo. Porém, percebi que a gravidade da situação não estava ao alcance dos meus conhecimentos. O seu pai havia morrido em Malanje e a mãe não tinha dinheiro para pagar um transporte que pudesse levá-los até lá. Tentei mostrar-lhe a parte positiva do simples facto dele ter conhecido o pai. Afinal, eu também sou órfã de pai. Mas ao contrário de mim, ele pôde conhecer e conviver com o pai antes de partir. Isso significava muito.

Ele ficou mais animado e quando eu tentava ainda tirá-lo daquele foco de angústia, chegou o nosso delegado de turma e mandou-nos voltar aos nossos lugares.

O miserável chamava-se Pedrito. Tentou dar em cima de mim tantas vezes quantas o rejeitei. Por esse motivo percebia como tinha raiva de mim ou me odiava e, como tal, fazia tudo para se vingar.

Alguns minutos depois entraram em simultâneo, na sala, dois professores, uma de Educação Moral e Cívica e um de Língua Portuguesa. Saudaram, sentaram-se e começaram a abordar os detalhes de um plano de férias que pretendiam lançar.

Dizia a professora de E.M.C, senhora Clementina:

- Meninos, estive reunida com o professor de Língua Portuguesa e acordámos juntar ideias para vos pedir que realizem um trabalho nestas férias, para o qual deverão

juntar-se em grupos de dois. O tema será da vossa escolha, mas o assunto não pode fugir dos padrões das disciplinas que lecionamos. Então, rapa...

- Lincença... - Interromperam o patife do José e a sua turminha.

- Então? - Questionou a professora, algo aborrecida - Você brinca muito não?

- Só quando é necessário. - Respondeu o José em jeito de presunção.

- Você estava onde? - Perguntou a professora, já a sorrir.

- Fora da sala. - Disse o José, enquanto todos se riam.

- Pois continue fora da sala porque aqui não entra mais. - Determinou com alguma seriedade, o professor de L.P.

- Peço as minhas sinceras desculpas aos professores. Tenham misericórdia dos meus colegas porque eles não têm culpa de nada. Fui eu quem os tirei da sala à força e eles não têm mesmo nada que ver com isso. Se for alguém a ser castigado, que seja eu e não eles. Não que eu queira... - Relatou o José antes de ser interrompido pela professora.

- Cale essa boca e entrem já.

Penso que a professora o deixou entrar porque quando ele explicava algo, fazia questão de formular tudo com muitos detalhes que tornavam a sua abordagem longa e chata.

Entretanto, os professores continuaram a explicar a sua intenção e prometeram não fazer a seleção dos grupos. Pediram ao delegado de turma que o fizesse, ao que ele respondeu:

- Professora, não vou conseguir fazer essa seleção, mas tenho uma ideia. Que tal votarmos? Vejamos, nós somos 44, tirando o colega que foi dispensado por motivos de óbito... então, faremos rifas com nomes de 22 e outros 22 farão a escolha das mesmas e o nome que eles tirarem, serão os seus parceiros.

Os professores concordaram com a ideia.

Eu queria muito tirar uma rifa, mas o bruxo não me deixou por causa raiva que tinha por mim.

O miserável do delegado era grande fã do outro patife que eu detestava muito, embora nunca tivesse oportunidade de ser admitido no grupo de amizades do José.

Entretanto, fizeram as rifas e o primeiro a divulgar o nome do colega que pretendia que fizesse par com ele, foi o José:

- Antes de tudo, gostaria de dar os meus parabéns ao menino ou menina a quem foi consagrada a oportunidade de, futuramente, trabalhar ao lado deste bonitão que está à vossa frente...

- Não é preciso fazer discurso, é só falar o nome. - Disse a professora.

- Desculpe professora, mas deixe-me dar as boas vindas ao meu colega e dizer-lhe que farei com que passe as melhores férias da sua vida ao meu lado...

- Você está a brincar, não? Vou pô-lo na rua! - Interrompeu o professor.

- Se estou a dar todas estas voltas é porque estou a tentar ler este nome, mas de acordo com a cacografia, parece que foi mesmo uma menina quem escreveu. Parece que o nome dela é Monivarya Uchi...

- O quê? – Gritei, surpreendida, como se parecesse louca.

- Ah! Ali está a sortuda! - Disse o José a rir.

- Não, não... Deve haver aqui um erro. – Argumentei, um pouco tímida.

- Pois sim, vejo que escreveu mesmo mal o nome... - Continuou ele a dar continuidade ao sarcasmo.

- Cala a boca!... Desculpem-me professores, mas eu não posso trabalhar com este colega.

- Porquê? Será que você tem preferência? - Questionou a professora.

- Não. Apenas não gosto dele. - Respondi.

- Uau! A colega está a ferir os meus sentimentos! - Exclamou o José, irónico.

- Cala a boca! - Voltei a ralar.

- Já chega, Mônica. Nós não podemos fazer nada. - Disse o professor.

- Vê o lado positivo, é uma boa oportunidade de fazer um novo amigo... Que é realmente um tolo. - Continuou a professora.

- Sinto-me lisonjeado! - Agradeceu José, curvando-se em gesto de gratidão.

Sentei-me revoltada e pensei em como já tinha planeado ir ao Dundo passar as férias com a minha tia e as minhas primas. Agora, provavelmente, não poderia ir e seria obrigada a passar as férias ao lado deste narcisista.

Voltei ao mundo dos acontecimentos concretos, onde todos já tinham formado pares. E pelos vistos, o Jorge pôde ficar ao lado da sua amada.

- Quando escolherem os temas dos vossos trabalhos, entreguem ao delegado de turma e ele nos dará a lista. - Acrescentou o professor. - E o mais importante: deverão



investigar sobre o vosso tema de trabalho junto das pessoas que vivem ou já tiveram oportunidade de vivenciar acontecimentos sobre o assunto que irão abordar. - Concluiu.

Deram-nos dois minutos para escolhermos os temas, passados os quais os colegas começaram a entregar as ideias. Entretanto, nem sabia se o José tinha ouvido o que o professor havia dito, porque desde que se sentara ficou na conversa com o seu grupinho.

Nenhuma ideia me vinha à cabeça e o meu parceiro era um desleixado... Como poderiam as minhas férias piorar ainda mais? Estava completamente de rastos.

E como nós éramos os únicos que ainda não tínhamos apresentado o tema, a professora abordou-me nesse sentido. Mas eu não tinha nenhum. Quando o professor começou a pressionar-nos, o José gritou:

- Eu tenho um tema!

Os professores autorizaram-no a falar.

Ele levantou-se e proferiu:

- O nosso tema éeeee... - Fez uma pausa e começou a olhar para cima e para baixo, como se parecesse pensar ainda num.

Uma colega explodiu de riso e lágrimas com a graça da situação. Então, o José olhou para ela e proclamou:

- Lágrimas. É isso, o nosso tema é: “As Lágrimas da Poesia”.

## Capítulo 3: A lágrima negra

- Excelente tema! - Concordou a professora.

Estou acabada, suspirei baixinho.

O tolo sentou-se e voltou para a conversa, até que nos dispensaram.

Ao sair da sala, cantava quase aos gritos: "Equipa alfa! Equipa alfa! Equipa alfa!".

Arrumei os meus materiais, depois saí e fui atrás dele para conversar sobre alguns detalhes do trabalho. Mas ele já tinha desaparecido e nem o seu grupinho sabia onde havia ido. Procurei-o em toda a escola e como não tive sucesso algum na minha busca, decidi regressar a casa.

No caminho encontrámos o namorado da Lú, chamava-se Vanelson. A Lú aproximou-se dele e deixou que as mãos do Vanelson se aventurassem pelas suas costas. Cruzou os braços no seu pescoço e uniram os lábios. Naquele instante libertavam o fogo do amor e deixavam os sentimentos falarem. Foi lindo! Quando se largaram, o garanhão do Vanelson convidou-nos para uma festa que teria início pelas onze horas da noite. Nós aceitámos, mas o Jorge nem por isso. Só que insistimos tanto com ele que se viu obrigado a ceder.

Quando cheguei a casa contei tudo sobre a escola à minha mãe e avisei-a que iria a uma boda com as minhas amigas. Ela teve muito medo ao saber que era no Vega, mas sabia que se me impedisse eu iria procurar fugir, por isso, simplesmente disse:

- Pode ir filha, mas tenha atenção com a hora de voltar.

Prometi que iria regressar o mais cedo possível.

Quando chegámos na boda, fugimos do chato do Jorge que falara durante toda a caminhada do quão se sentia desconfortável por irmos a uma festa no meio do bairro Vega e, ainda por cima, àquela hora da noite.

A partir de 2019 o bairro Vega começou a perder a sua fama e as pessoas passavam por lá como se estivessem a passar por qualquer canto da sua própria casa.

O Vanelson veio oferecer-nos bebidas. Depois pegou na Lú e desapareceram.

Alguns minutos depois voltaram, mas não estavam sozinhos. Vinham acompanhados por dois amigos do Vanelson. Um deles era o José.

Assim que se aproximaram, a Vânia correu para eles dizendo:

- Meu amor! - Pulou nos braços do patife do José e beijou-o na boca. O mais estranho é que foi um daqueles beijos demorados.

Não entendemos o motivo de tal gesto.

Depois de se afastarem, a Vani anunciou:

- O José é meu namorado.

- O quê? Teu namorado? - Indagou o Jorge, incrédulo.

O Jorge ficou desarmado. E eu com raiva pelo facto da minha melhor amiga namorar agora um grande palerma que era o meu pior inimigo.

- Como assim, namoras com esse idiota? - Perguntei, chateada.

- Ah! Olhem só... é a colega que não gosta de mim. - Afirmou o José, rindo como sempre.

- Exatamente da mesma forma que uma mulher namora com um homem. Acho que já conheces os detalhes. - Explicou a Vani.

- Mas sabes muito bem como o odeio! - Vociferei.

- Sim, odeia-lo. E eu? Será que estás a ouvir-te?! Isto não se trata de ti, mas sim de mim. - Respondeu a Vani. - Miga, eu te amo muitíssimo e eu sei que sentes o mesmo, por isso é que vais esquecer o que sentes pelo meu namorado e focar-te na minha felicidade! - Acrescentou.

Na verdade eu senti-me um pouco egocêntrica, por isso pedi-lhe desculpa e ela fez-me prometer que eu faria por ficar em paz com o seu namorado. Respondi-lhe que iria tentar.

Mas naquele momento, quem mais sentia o peso daquela nova relação era o Jorge. O ciúme fluía-lhe no sangue e os batimentos cardíacos aumentavam minuto a minuto. Não aguentou mais estar ali. Saiu furioso da festa. Tentei ir atrás dele, mas a Vani segurou-me pelo braço e disse que era ela quem precisava de conversar com ele. Deixaram-nos apenas aos cinco naquele cantinho da boda.

Alguns minutos depois, o outro casal apaixonado e o amigo também saíram, deixando-nos apenas a mim e ao José. Ele não se movia nem fazia nada para me irritar, apenas me encarava e quando eu o olhava, ria como um pateta. O ambiente era estranho. Eu estava ao lado do meu inimigo e, pela primeira vez, ele mantinha silêncio. Confesso

que era desconfortável. Não aguentando aquela neblina, tentei ter coragem para trazer o sol de volta:

- Então... - Comecei.

Ele interrompeu:

- Ouve, antes de continuares quero que saibas que não vou provocar-te. - E acrescentou - É que tu assustas-me!

- Porque escolheste aquele tema? - Indaguei, encarando-o com seriedade.

- Já tiveste um daqueles momentos de adrenalina que parece que tudo o que te vem à mente é incrível? - Perguntou sarcástico. - É, eu tive um desses momentos.

- Então quer dizer que escolheste um tema que nem sabes o que significa? - Perguntei irritada.

- Acho que simplificaste demais, mas não é incrível? - Disse o José - Isso torna a aventura mais apetecível. Viajar pelo desconhecido em busca da verdade, desvendar os mistérios de Holmes...

- Cala a boca, cala a boca. - Zanguei-me - Estás a brincar comigo? Ouve bem palhaço, só porque não levas a sério os teus estudos, não quer dizer que todos sejam como tu.

- Vê o lado positivo, estou com a aluna mais inteligente da nossa sala. - Afirmou o José como se continuasse a brincar comigo.

- *Miux...* Imbecil!

Virei-me de costas para me retirar.

Foi então que ouvi a fluência encantada de uma voz que, lentamente, declamava. A tonalidade entre o grave e o agudo, como se fosse uma música relaxante num tom agradável e irresistível a tocar-me nos ouvidos. Não sabia quem era, mas parecia um pássaro a trinar enquanto a música da festa ficava distante. Em mim, somente ecoava cada doce palavra, de cada estrofe, daquele poema:

*“Encontrei uma preta  
que estava a chorar,  
pedi-lhe uma lágrima  
para a analisar.*

*Recolhi a lágrima  
com todo o cuidado  
num tubo de ensaio  
bem esterilizado.*

*Olhei-a de um lado,  
do outro e de frente:  
tinha um ar de gota  
muito transparente.*

*Mandei vir os ácidos,  
as bases e os sais,  
as drogas usadas  
em casos que tais.*

*Ensaiei a frio,  
experimentei ao lume,  
de todas as vezes  
deu-me o que é costume:*

*nem sinais de negro,  
nem vestígios de ódio.  
Água (quase tudo)  
e cloreto de sódio.”*

Nos últimos versos voltei a virar-me de frente e contemplei um outro lado que nem conhecia do José. Não acreditava que aquele era ele. Pareceu-me um ser que ficava no algures inexistente, num qualquer lugar depois do além da alma do José. Julguei impossível o que os meus olhos e ouvidos contemplaram.

Após declamar, olhou para mim e referiu, sério:

- Poema de António Gedeão, intitulado “Lágrima de Preta”. Ele concluiu que qualquer lágrima é constituída apenas por água e sal. Então, qualquer poeta, poetisa,

enfim, chora em poesia e quando chora, não importa qual a poesia que escreve ou declama, a mesma apenas será constituída por sentimentos e emoções.

- Foi por essa razão que escolheste este tema? - Perguntei com a voz trémula.

- Eu já disse que não sei, foi apenas um momento de adrenalina. - Respondeu - Contudo, sei lá como devo começar... Mas se a lágrima do homem é apenas aquela água e sal que lhe sai pelos olhos, então as lágrimas da poesia são aquelas emoções e sentimentos que saem do fundo da alma do poeta.

- Então falaremos apenas disso?

- Dizendo “apenas disso”, depois de eu me matar com tantas pesquisas sobre lágrimas, magoa-me um pouco. - Sussurrou - Mas não, não vamos falar apenas disso.

- E vamos falar mais sobre o quê? - Questionei.

- Já notaste que falas muito? - Perguntou ele a rir.

Quando o olhei firmemente, consegui notar medo no seu olhar, enquanto ria como um totó.

Talvez por isso, preferiu continuar com o que estava a explicar:

- Preparei uma expedição que começaremos na próxima segunda-feira. Faremos visitas a algumas organizações e associações para provar o sabor de cada gota de lágrima e contextualizá-las em poesia. Depois elaboraremos um texto e através do texto criaremos um único poema ou poesia, na verdade é a mesma coisa, com o qual faremos a conclusão da nossa defesa.

- E quanto tempo durará essa expedição? - Perguntei.

- Tirando os fins de semana, durará uns sete a oito dias. - Retorquiu.

- Está bem.

- Na segunda encontramos-nos às nove horas no Samuphafo.

- Combinado. - Concordei.

O José pediu licença e retirou-se. Foi procurar os seus amigos e eu fiquei sozinha no meu cantinho.

## Capítulo 4: Primeiro encontro dos pesadelos

Estava eu sozinha no meu canto a observar o idiota do José que se divertia com os seus amigos. Até hoje ainda não entendi como algumas pessoas conseguem fazer amigos, principalmente aquele lixo tóxico...

Desviei o olhar deles e preferi fazê-lo viajar pelos outros cantos da festa. No horizonte da minha visão periférica contemplei o rosto de um belíssimo rapaz. Daquele tipo, mesmo gato. Era da minha altura e parecia ter a mesma idade que eu. Aquele seu rostinho bonitinho parecia-me familiar, era como se já o tivesse visto noutra lugar. O jovem encarava-me como se tivesse interesse em mim. Como era bem sedutor, pensei ir conversar com ele, mas as correntes da timidez prenderam-me os pés. Até que, por fim, a Vani e o Jorge regressaram. Ele estava mais calmo. Não sei o que a Vani lhe teria dito, mas podia observar-se um brilho de alegria nos seus olhos.

Passaram-se algumas horas e tivemos que nos ir embora da festa. O miserável do José e o Garanhão do Vanelson acompanharam-nos até apanharmos um táxi. Graças a Deus chegámos bem a casa. Encontrei a minha mãe acordada, não conseguira adormecer por causa da preocupação e gritou comigo assim que cheguei. Como não encontrei justificação, apenas pedi desculpas.

Passei os dias de sábado e domingo, no mundo da leitura. Pude ler os clássicos da literatura poética como “Raiz de Orvalho e Outros Poemas”, do Mia Couto e “Pedaços de Mim”, do Inájoel Tudika. Na verdade, preparava-me para o trabalho que iria fazer com o outro desleixado.

Na segunda-feira despertei antes do cantar do galo. Não sei se era pela ansiedade ou para ter tempo de me preparar. Como já não tinha sono, levantei-me e liguei a televisão para assistir à reposição dos meus programas favoritos. Às cinco da manhã fui à cozinha preparar o pequeno-almoço para a minha mãe que sairia às seis e meia para trabalhar.

Após preparar um prato básico que daria energia, proteínas e vitaminas suficientes para que minha mãe pudesse trabalhar, fui fazer as minhas tarefas domésticas.

Quando a minha mãe se levantou, custou-lhe acreditar que aquela era a sua Moni que acordava às oito para as nove...

Assim que o sol nasceu, pelas sete horas da manhã, terminaram os meus trabalhos. Tudo em casa já estava limpo e arrumado. Porque não me restava mais nada a fazer na casa, decidi voltar a assistir televisão. Naquele conforto que o cadeirão me oferecia e o programa no ecrã a relaxar-me a mente, subitamente as balas da sonolência atingiram-me e comecei a cabecear. Precisava mesmo de dormir mais um pouco, mas para não exagerar na dose ativei o despertador para me acenar antes das nove.

Descansei os olhos e deixei a mente viajar pelo mundo dos sonhos, procurar projetar-se e viver a sua própria realidade. Quando despertei, fui tomar banho e preparei-me com roupa desportiva e sapatilhas para caminhar com conforto.

Fiz-me ao caminho. Em direção ao hospital apanhei um táxi que me deixou no Samuphafo. Mas quando cheguei, não encontrei o miserável do José. Decidi aguardar por ele. Alguém tinha que ser o responsável do grupo. Fui adiando o tempo e aguardando pela chegada dele que, entretanto, só decidi aparecer trinta e cinco minutos depois, o que me deixou bastante irritada. Usava a mesma grife que eu e trazia consigo dois copos descartáveis de café.

- Marcas um encontro às nove e deixas-me a esperar todo este tempo! – Exclamei irritada.

- Bom dia para ti também, Moni! Eu estou muito bem e espero que também o estejas. - Afirmou com o seu jeito calmo e sarcástico.

- Parece-te que estou a brincar? - Perguntei-lhe, enquanto o encarava firmemente.

- Eu pedi para nos encontrarmos às nove e ainda são nove horas.

- Nove horas e quantos minutos? - Perguntei mesmo chateada.

- E trinta e cinco?! - Disse, enquanto olhava para o relógio - Desculpa, sei que errei ao não definir os minutos. - Acrescentou.

- Mas será que podes ser um pouco mais responsável? - Indaguei.

- Eu tento. - Respondeu despreocupado.

Eu estava frustrada, mas discutir com aquele desleixado só iria atrasar ainda mais o meu valioso tempo. Procurei manter a calma e perguntar-lhe para onde iríamos e o que faríamos naquele dia.



- Para onde vamos? - Perguntei enquanto começávamos a nossa caminhada.

- Para os A.A.

- A.A.? - Fiquei confusa.

- Alcoólicos Anónimos. Nós vamos lá para ouvir as verdadeiras histórias de superação e do encontro de uma luz no fundo do túnel, para podermos chorar e derramar uma lágrima de poesia. Vamos acumular num copinho para depois construir o nosso trabalho.

- Só te fiz uma pergunta, não era necessário dar tantas voltas.

Durante a caminhada para os A.A., mantive silêncio e o José tentou aquecer o clima com uma conversa que não me interessava minimamente. Por isso, fiquei calada. Ele continuou a falar como uma rádio ou pior, porque na rádio o locutor abrandava um pouco. Estava cansada de tudo o que ele tagarelava e quando chegámos, antes de entrarmos, disse-lhe:

- Sabes que falas muito, não?

- Não consigo evitar. - E riu como um tolo.

Entrámos, sentámo-nos e observámos um senhor que começava a contar a sua história:

- Olá! Eu sou o Pedro, tenho quarenta e cinco anos e sou alcoólatra.

- Olá Pedro! - Saudaram todos em coro.

Ele continuou:

- Quando era criança fiz parte de um dos grupos mais temidos do Lucapa, a famosa "Staff Mahombo". Nós fazíamos coisas horríveis. Penso que para disfarçarmos a vergonha ou para nos sentirmos mais ativos, precisávamos de beber e fumar antes de executarmos os nossos assaltos, roubos, estupros, enfim... Mas a verdade é que comecei a fazê-lo só para me divertir. Diversão essa que me foi empurrando para o fundo de um poço que me parecia ser um lugar confortável. E o meu corpo foi-se habituando ao conforto. O meu corpo e o álcool tornavam-se grandes amigos inseparáveis. Enquanto eu crescia, perdia força e ganhava consciência dos meus atos. Deixei de roubar e de levar a cabo todas as coisas más do passado. Casei e tive dois filhos. Consegui fazer muito, consegui livrar-me de muitas coisas terríveis, mas não consegui separar os dois amigos. A minha alma mergulhava no álcool. Não tinha emprego nem dinheiro para alimentar a minha família e o meu vício. Então, comecei a vender a mobília da casa e

quando a minha esposa ficou farta, expulsou-me para que não acabasse por vender a casa também. Passei a dormir por baixo das estrelas, comia o resto que nem os cães queriam. A minha família passou a desprezar-me, a minha esposa negou-me o direito de ver os meus filhos. Eu estava completamente acabado. Percebi, então, que as escolhas que fiz estavam a dar os seus frutos. Quando não tinha dinheiro sequer para comprar *tchitchan*, fiquei uma semana sem beber e sentia um frio que me fazia delirar e que me mostrava que estava a um fio de morrer. Então, um grande amigo dos A.A. encontrou-me e trouxe-me aqui para que pudessem ajudar-me a suportar aquele peso, a ignorar aquele frio e a levantar-me aos poucos. Hoje estou a completar dois anos de sobriedade, sou pedreiro, casei com uma moça que aceitou as minhas imperfeições e a minha ex-esposa deixa-me agora ver os meus filhos. Hoje, a minha vida está muito melhor. Muito obrigado!

Após ele contar a sua belíssima história, todos aplaudimos.

De seguida, a moderadora do grupo continuou:

- Temos hoje connosco dois estudantes que vieram visitar-nos para colherem alguns dados para um trabalho escolar que estão a realizar. Se tiverem algo a partilhar, estejam à vontade...

- Gostei muito de saber sobre o importante trabalho que vocês fazem aqui. Parabéns! Mas nós não temos nada a partilhar. - Comentei.

- Na verdade, eu tenho... - Retorquiu o maldito José.

- Sinta-se à vontade, José. - Disse a moderadora.

- Como disse a minha colega, é muito bom o trabalho que vocês fazem por aqui. Aprecio muito essa ajuda que concedem às pessoas. O senhor Pedro ajudou-me muito com a sua história, por isso, gostaria de presenteá-lo, em agradecimento, com a poesia “Manhã” do Mía Couto, que talvez possa vir a ajudar qualquer um aqui presente:

*“Estou  
e num breve instante  
sinto tudo  
sinto-me tudo*

*Deito-me no meu corpo  
e despeço-me de mim  
para me encontrar  
no próximo olhar*

*Ausento-me da morte  
não quero nada  
eu sou tudo  
respiro-me até à exaustão*

*Nada me alimenta  
porque sou feito de todas as coisas  
e adormeço onde tombam a luz e a poeira*

*A vida (ensinaram-me assim)  
deve ser bebida  
quando os lábios estiverem já mortos*

*Educadamente mortos.”*

Todos, ao ouvirem aquele poema, aplaudiram pela eloquência da sua maravilhosa voz, como de um pássaro cantando pela manhã. As palavras e a mensagem que trazia o poema, uniformizava-se com a forma como era declamado.

Eram já três da tarde quando saímos de lá. Demorámos muito porque tivemos que ouvir, humildemente, a história de cada um dos integrantes do grupo.

O poeta chorou ao ouvir a história do guerreiro Pedro e derramou uma lágrima que recolhemos no copinho que carregávamos.

O José acompanhou-me até ao meu bairro e depois apanhou outro táxi que o levou a casa.

Ao entrar em casa encontrei a minha mãe a conversar ao telefone com a minha tia. Pedi o telefone para falar com ela e justificar o porquê de não poder ir visitá-la. Respondeu-me que não fazia mal, pois eles também se preparavam para virem a Lucapa

visitar-me a mim e ao meu avô. De repente, uma bomba de felicidade explodiu no meu peito. Fiquei tão feliz que pulei e corri por todos os sítios da casa.

## Capítulo 5: O pintor de emoções

*Dedicado, em especial, à poetisa Paula Freire*

Fizemos muitas visitas durante a semana. Em todas elas fui conhecendo a parte doce e gentil que existia dentro do monstro que sempre vi no José. Começava a gostar deste rapaz que ele me ia apresentando, mas o ódio que sentia por ele, ainda usufruía do fôlego da minha vida.

A minha tia, o meu tio e as minhas primas e primos chegaram na quarta-feira. Juntos fomos visitar o meu avô e quando lá chegámos o velho disse-me muitas coisas, inclusive que eu o tinha abandonado e não o visitava mais como antes. A conversa deixou-me muito triste. Como a casa do velhote era muito grande, a minha tia ficou lá com a família.

- O homem da sociedade atual homenageia as pessoas depois de morrerem, mas se aqueles que tanto o inspiraram, que tanto o fizeram sentir-se amado, ainda estiverem vivos, ele jamais abre a boca só para dizer uma palavrinha bonita. Isso faz-me crer que a homenagem dos homens para com os mortos é só um gesto hipócrita que as pessoas usam para receberem aplausos, para serem vistas... - Dizia o José enquanto caminhávamos.

Era quinta-feira. Eu usava um vestido de gala vermelho forte e o José usava um fato azul que o fazia parecer meio abaixo de bonito e meio acima de feio. Nem acredito que lhe disse isso. Continuava a falar da hipocrisia da homenagem pós-morte e eu continuava a manter o meu silêncio, mas como já estava a alongar o assunto e aquilo já me irritava, ousei libertar as palavras que me sufocavam a garganta:

- Estás errado.

- Sim, eu admito que estive errado ao pensar que as mudas não falavam, mas acredito que estou certo em relação a esse assunto.

- Não, tu não estás certo porque estás a falar à toa como um maluco. - Disse - Homenagear é mais do que uma simples dedicação e relembrar é, de alguma forma, manter viva a memória de quem já se foi. É honrar o legado.

Efetivamente, em todos os aniversários do meu avô, eu dedicava-lhe sempre as frases e textos do meu pai que ele tanto gostava, era uma forma de homenagear o meu pai e honrá-lo. Porque assim, mesmo que a sua alma tivesse partido, uma parte dele ainda permanecia em mim para manter viva a sua memória.

- E porque não fazê-lo enquanto a pessoa estiver viva? - Indagou o José.

- E se nascermos depois dessa pessoa morrer? Será que desse modo não deverás lembrar e exaltar a personagem que ela foi?

- Talvez...

- As grandes lembranças devem ser recriadas para manter vivo o legado. Acho que a homenagem é a forma mais próxima de recriar as lembranças. - Reforcei.

- Podes, talvez, estar certa mas isso não muda a minha perspetiva.

- E pensas que eu me importo com a tua perspetiva? - Perguntei-lhe.

- Talvez!...

Mantive de novo o meu silêncio e continuámos a caminhar. Dirigíamo-nos para a galeria de arte Chimuna, onde o grande artista Chimuna, um dos melhores artistas de Angola, iria exhibir a sua nova obra. Na comemoração estariam presentes artistas de todo o mundo. O José conseguiu os convites porque o Sr. Chimuna era seu tio.

Quando chegámos à galeria, logo que entramos, o José apresentou-me a toda a sua humilde família, porém, o seu pai e a sua mãe não se faziam presentes na galeria. Posteriormente, ficámos a observar os quadros antigos. Cada peça mexia com a minha sensibilidade, mexia com uma parte da minha emoção. Aquele senhor não era apenas um pintor, ele era algo mais do que isso. Ele não passava somente pincéis coloridos para deixar marcas num plano branco, ele esboçava cada emoção em cada pincelada, ele esculpia os sentimentos de uma forma inexplicável.

Durante a nossa expedição pela galeria, encontrámos a Vani e o Jorge que também estavam de visita para colherem dados sobre o seu tema que era bem mais divertido e bonito do que o nosso. Eles estudavam a influência da arte na saúde emocional.

Aproximámo-nos deles e a Vani pulou como uma louca para morder os lábios do seu homem. O Jorge desviou o olhar para não ver aquilo, enquanto eu fiquei a observar o momento. De repente, senti uma sensação como uma espécie de calor dentro de mim,

uma raiva oculta. Parecia que o meu coração estava na escuridão da inveja ao observar aquilo. Não percebi do porquê daquelas reações, mas senti-me mesmo estranha.

O senhor Chimuna chamou a atenção de todos para apresentar o tal majestoso quadro.

Numa bonita paisagem cheia de lindas árvores com flores e frutos magníficos, havia uma arvorezinha feia, sem flores nem frutos, quase murcha e sem qualquer traço de beleza. Na paisagem também havia uma mulher esbelta que carregava um pote de água para regar a planta quase morta. Ela percorria todas as manhãs 300 km até ao lago e mais outros 300 km de volta. Fizera aquelas viagens todos os dias ao longo de 70 anos e a planta mal se desenvolvia. No cenário do quadro, ele ilustrou a mulher já deitada ao lado da planta murcha e as outras plantas afastadas delas.

O senhor Chimuna continuava a sua explicação dizendo que a mulher tentava corrigir a planta, tentava regá-la para lhe dar um toque bonito, mas quando percebeu que aquela planta não mudava, aceitou as suas imperfeições e aprendeu a amá-la como ela era. As plantas ao seu redor não entendiam o amor daquela senhora pela feia planta, não entendiam como uma pessoa podia amar alguém com tantos defeitos.

Quando ele terminou a descrição do seu quadro, o José chamou a atenção de todos:

- Até hoje acreditava num conceito errado de homenagem, mas uma grande amiga ilustrou-me a verdade desse conceito. O dia do aniversário do meu tio aproximase, por isso, gostaria de lhe dedicar um poema da poetisa Paula Freire. Uma poesia que muito descreve o seu trabalho e a sua imagem como pintor. A poesia intitula-se "O Pintor de Emoções". Espero que seja do seu agrado.

Então, soltou a garganta de pássaro e extasiou-nos com a belíssima poesia:

*“Em cada noite lenta de sombras e espectros vazios  
Ele regressava aos lugares de onde nunca tinha partido  
Vagueava pelo norte acaso dos caminhos perdidos  
Pela cidade poluída, caída em desuso*

*E num voo noturno se construía pessoa  
Disfarçado com asas de esperança*

*Era apenas assim que acreditava merecer a vida  
Agarrado aos pincéis em bruto da alma*

*Entre a misteriosa ponte de nevoeiro  
Pincelava a fé escondida dos homens  
Quando parecia não haver mais nada  
Com letras soltas de aromas e silêncio  
Pois assim se constroem as palavras  
Onde cabem todos os mistérios da vida*

*Abraçado à leveza do branco alvo que acolhe  
Renascia no azul da imensidão que se faz próxima  
E num rosa sorriso de afetos revelados  
Transbordava a essência do vermelho emoção  
Absorvido no verde futuro de uma outra dimensão  
E assim explodia no brilho dourado que emana  
A gratidão serena do violeta imortalizado*

*Souberam depois  
Que se demorava sempre na luz confundida entre a noite e o dia  
Ao encontro de uma madrugada sem tempo  
A tornar única, esta promessa sem opções  
Ficou conhecido na cidade e no mundo*

*Era ele:  
O Pintor de emoções.”*

Assim que terminou de declamar mais uma linda poesia na sua voz suave, os aplausos não abrandaram. Foram elogiados pelo tamanho do talento artístico existente na família.



Depois da apresentação fomos embora. Separámo-nos da Vani e do Jorge. O José, como sempre, acompanhou-me ao meu bairro. No caminho, deparámo-nos com o bonitão estranho da festa e novamente não falei com ele.

Por fim, quando estávamos quase a chegar, perguntei ao José:

- O que foi aquilo de grandes amigos?

- Estava a falar de ti. - Afirmou.

- E desde quando é que nós somos amigos?

- Desde o dia em que nos tornámos amigos. - Respondeu a rir.

- O.k., vamos esclarecer um detalhe muito importante: nós somos apenas dois estranhos a trabalhar juntos para um fim comum.

- Eu ainda continuo a acreditar que somos amigos. - Reafirmou ele como se quisesse irritar-me.

- Ouve, como posso falar isto sem te magoar? Eu odeio-te. Quero dizer, eu abomino-te e isso faz de ti o meu pior inimigo. Entendes? - Encarei-o com um olhar de vilã.

- E é exatamente isso que me faz questionar a nossa inimizade.

- Como assim? - Perguntei confusa.

- Já assististe ao “Mestre da Espada”?

- O quê?

- O filme, “Mestre da Espada”.

- Estás a fazer-me de palhaça? - Perguntei irritada.

- Vou interpretar como um “não”. - Disse o José - Neste filme existe um homem chamado Yan que se dedicou a vida inteira a treinar para se tornar melhor que o mestre da espada, era como um sonho para ele derrotar o mestre da espada. Com tantos anos de treino ele até pôde inventar os seus próprios golpes, mas nunca recebeu crédito por isso. E quem era sempre considerado o melhor, era o mestre da espada. Então, ele decidiu matar o mestre da espada para ser reconhecido. Quando chegou ao clã do pai do mestre da espada, foi informado que o outro já estava morto. Ele, de tanta raiva, gritou e quis destruir tudo. Foi então que o pai do mestre da espada disse ao Yan: “o teu inimigo é como a tua alma gémea”. O que quero dizer com tudo isto é que eu sou a tua alma gémea. Eu desafio-te sem sequer dizer uma palavra.

- Seu lixo! Achas mesmo que eu sou a tua alma gémea?! Achas que eu posso sentir algo por um traste como tu?! - Gritei, furiosa.

- Mas sentes raiva. - Disse o José, rindo.

Eu já não aguentava mais toda aquela conversa pretensiosa, tive vontade de o encher de porrada naquele momento, mas ele era homem com força bruta. Não teria qualquer chance contra ele.

Continuei a ofendê-lo com o que me vinha à cabeça pois era a única coisa que podia fazer. Depois, ordenei-lhe que parasse de me seguir.

## Capítulo 6: O aconselhamento parental

O sol preparava-se para o seu descanso diário e eu voltava para casa pela décima sexta rua. A raiva tomara conta de mim e o ódio confortava-me os pensamentos.

Cheguei a casa e encontrei a minha mãe a cuidar das unhas. A nossa conversa baseou-se apenas numa simples saudação porque o meu humor estava muito frio. Entrei e tranquei-me no quarto. Para descarregar a ira, tentei ler os “Contos do Nascer da Terra”, porém, nem diante do primeiro conto viajei, porque a concentração dos meus pensamentos estava no avião do tempo, vagueando pelo momento em que discutia com aquele infeliz do José.

Precisava de encontrar um novo foco, talvez uma nova bússola que me orientasse para o caminho da paz e da tranquilidade.

No meio destas frustrações, alguns minutos passaram até que a minha mãe veio bater à porta do quarto e quando lhe perguntei o que pretendia, ela respondeu:

- O teu amigo quer falar contigo, filha.

O meu amigo? Ah, claro, o Jorge. Acho que seria bom conversar com ele, talvez ele pudesse ser essa tal bússola que eu procurava...

- Diz-lhe para me esperar na sala, mamã. Vou já.

Em poucos segundos, preparei-me para ficar bonita, quero dizer, mais bonita do que nunca. Saí, mas quando entrei na sala quem me esperava era o desgraçado, o José, ao invés do Jorge. Assim que o vi, a loucura subiu-me à cabeça e encontrou-se mais uma vez com a sua amiga raiva e isso levou-me a expulsá-lo da minha casa, aos gritos, enquanto ele suplicava que vinha apenas desculpar-se.

Eu já estava fora da razão, estava fora de mim. Libertei alguém que eu chamava monstro. E o monstro irracional foi à cozinha buscar um balde com água para atirar em cima dele. E fi-lo, assim mesmo, sem pensar. Ele ficou encharcado. Pediu desculpa enquanto procurava retirar-se, envergonhado. A minha mãe, que ouvira o barulho da confusão, saiu do seu quarto para vir gritar comigo e defender o miserável. Antes de me espalmar com sermões, ainda lhe pediu primeiro desculpa, oferecendo-lhe uma toalha para se limpar.

Aproveitando o gesto dela, e depois de se limpar, o desgraçado fez um espetáculo antes de ir embora. A minha mãe acompanhou-o, provavelmente até à paragem de táxis. Voltei para o meu quarto e deitei-me em cima da cama. Os pensamentos vinham e iam, todos os traços que eles traziam eram os de alguns minutos atrás. Assim que acumulei o fardo, a minha consciência chegou para avaliar a qualidade das minhas ações, o que não deu um bom resultado. Fez-me parecer a vilã da história.

A minha mãe bateu à porta e entrou, sentou-se ao meu lado.

- O que foi aquilo? Porque agiste daquele modo com o teu amigo?

- Ele não é meu amigo, compreender-me-ias se o conhecesses. - Mesmo sem razão, a raiva ainda falava por mim.

- O que estás a dizer?

- Aquele é o desgraçado do José de quem te tenho falado. É ele quem atormenta a escola e se aproveita daqueles considerados fracos.

- Então tu achas-te a heroína e ele é o vilão? - Perguntou a minha mãe.

- Sim, claro.

- E porque veio ele aqui?

- Veio pedir-me desculpa por ter dito que somos almas gémeas...

- Então não me parece que ele seja o vilão.

- A mamã não conhece os seus feitos... - Teimei.

- E tu conheces? - Interrompeu-me - Quantos dos teus feitos são melhores do que os dele, ou melhor, o que te torna melhor do que ele?

- Tudo me torna muito melhor do que ele. - Respondi rapidamente.

- Este já é um grande erro: considerares-te melhor do que o outro. Filha, aprende que tu só podes ser apenas melhor que tu mesma. Perante os outros, és igual até ao pior miserável morador de qualquer rua.

- Tenho a certeza que como ele, eu não sou.

- Então, vejamos. - Continuou a minha mãe - Tu vives os dias a julgá-lo, algo a que não tens qualquer direito sem antes o conheceres por completo. Consideras-te muito melhor do que ele e, com isso, imaginas que o odeias. Filha, apenas com esses julgamentos, diz-me o que te torna melhor do que ele? - Questionou.

- Tudo! - Insisti.

- Antes de responder pensa primeiro, filha... - Sugeriu ela.

- Está bem, talvez seja errado considerar-me melhor do que ele, mas eu odeio-o mesmo, e muito não seria o suficiente.

- Isso é o que sentes ou é o que queres sentir? - Indagou ela.

- O quê? - Fiquei confusa. E ela acenou-me a cabeça com um olhar que dizia “responde-me apenas”.

Mas continuei a insistir irracionalmente.

- Eu detesto-o mesmo e acho até, do fundo do coração, que não consigo descrever tamanho ódio.

- Vamos, então, fazer uma análise. Pensas nele sempre...

- Não, não, não... eu nunca penso nele.

- Tens a certeza?

- Sim, sem dúvida.

- Repara, quando estás prestes a fazer algo mal, o que te reflete a situação? Quando fazes algo bom, o que te reflete a situação? Quando acordas? Quando estás a comer? A tomar banho? A estudar?...

- Eu não penso nele e isso não tem nada a ver.

- A tua alma gémea desafia-te a lutar e ele faz isso sem abrir a boca. Custa-te admitir que és apaixonada por ele? - Perguntou rindo.

- O quê? Eu? Nunca, aquele bicho... Eu nunca, mesmo. - Perdi a fala, apenas argumentei o que me surgiu no momento.

- E se eu te disser que o julgas para ele melhorar a sua personalidade? Porque detestas a maneira de ser dele.

- Diria que estás muito errada porque o homem que eu amo é o Jorge. - Referi.

- Não. A mim parece-me que o Jorge é o homem por quem te queres apaixonar porque tem o perfil que desejas. E é exatamente daí que surge a pergunta, “é o que sentes ou o que queres sentir?”

- Primeiro, o José é feio e não faz o meu género. Segundo, ele é namorado da Vani.

A minha mãe sorriu com alguma ternura no olhar.

- O coração não escolhe nada disso, minha filha. Mas é certo que por ele ser namorado da Vani, não deves namorar com ele, mesmo após dez mil anos da morte da Vani.

- E eu nunca, mesmo. - Concordei.

- Está bom. - Afirmou a minha mãe. - Tenho de ir fazer um trabalho, ó coração apaixonada. - E ria-se de mim enquanto se levantava.

Quando chegou junto da porta pareceu ter-se esquecido de algo.

- Ah! O José disse-me para te avisar que devem encontrar-se amanhã pelas oito horas em frente à Deebirs. Ele te aguardará até às dez.

Depois disso, fechou a porta do quarto e alguns segundos depois voltou a entrar. - E tu deves-lhe um pedido de desculpas.

- Está bom! – Finalmente, a chata saiu.

Deitei-me e cobri-me até à cabeça. Consegui relaxar um pouquinho após a conversa com a minha mãe. Tentei agarrar o sono, mas ele escapava-me sempre. Muitos minutos depois, deitada, quando a busca pelo sono se tornara insuportável de continuar, a minha mente fez visita a uma reflexão mais profunda sobre a conversa que tive com a minha mãe e todas as coisas más que já tinha feito ao José. Então percebi da leve dor de ser uma péssima heroína e aí, comecei a sentir que perdia a minha razão. Dentro de mim, bem lá nas profundezas, soavam algumas questões com sons de trombetas: como lhe pediria desculpas? Em qual problema começaria? Não sabia. Comecei a acreditar que talvez estivesse um pouquinho errada sobre ele.

Depois de algumas horas passadas, a mamã chamou-me para jantar e como eu não quis sair do quarto, trouxe-me uma bandeja com comida. Eu não tinha apetite, mas ela tentava consolar-me de modo a tonar a comida sedutora aos meus olhos, para que eu comesse nem que fosse apenas um pedacinho.

De repente, veio-me à cabeça uma questão.

- Mamã, eu tenho um irmão?

Ela engasgou-se e tossiu. Ficou surpresa com a questão, mas mesmo assim respondeu:

- Claro que tens, muitos.

- Não falo dos filhos dos meus tios. Estou a falar dos do meu pai.

Mostrou-se surpreendida.

- Onde foste buscar essa pergunta?

- Tenho visto um rapaz com mais ou menos a minha idade... e, sabes, acho que ele é um pouco parecido comigo.

- Impossível, eu era a única do teu pai. Ele jamais me teria traído...

- E se foi antes de ti?

- O teu pai tinha princípios. Ele não se envolveria com uma mulher antes do casamento. Foi isso que os teus avós lhe ensinaram e ele tinha uma maneira simples de acatar os ensinamentos dos mais velhos e pô-los em prática.

- Então...

- Então, tu és a nossa primeira e única filha. - Suspirou - Se tivesses um irmão, eu saberia.

Proibiu-me de voltar a dizer aquilo e continuou a aborrecer-me tanto que eu tive de comer um pouco. Antes de sair, entregou-me um colar com um pingente de Samanhonga, esculpido em madeira, e acrescentou que um amigo meu de infância me tinha entregue aquilo antes de regressarmos a Lucapa. Ao tocar no colar, o meu coração palpitou numa sintonia diferente, a revelar-me um significado importante sobre aquele acessório específico. Veio-me à lembrança o rosto pálido de um velhinho e do meu amigo de infância. Um flash de momentos que me mostravam quando caminhávamos até à casa do velhinho.

Entretanto, fiquei a pensar na minha triste realidade com o José, até que o sono venceu os meus olhos e me levou os pensamentos para o mundo dos sonhos, onde esperava encontrar uma realidade menos dolorosa. Onde desejava que houvessem rosas e auroras a conversar comigo num belo jardim. Em vez disso, vi-me num campo escuro, os trovões eram abundantes em todos os cantos, o escurecer tomou conta das estrelas, as árvores murchas eram habitadas por nuvens sombrias.

No horizonte da minha visão deparei-me com um homem que vinha na minha direção, segurando uma criancinha pela sua mão esquerda. Quanto mais o homem se aproximava, mais ganhava a aparência do meu pai e a criancinha era eu, quer dizer, era a segunda eu. Quando o meu pai chegou mais próximo de mim, saudou-me levemente num suspiro: “*olá, filha!*”

Eu não conseguia dizer nada porque estava completamente paralisada. De repente, a eu tímida que viera com o meu pai, ficou eufórica e abraçou-me com força, sem me largar. O meu pai continuou: “*tu tens de fazer a tua vida melhor do que a minha, tens que olhar para novos horizontes e pintá-los com sóis brilhantes, tens de construir o teu próprio final feliz, filha*”.

- E como eu o faço? - Perguntei em desespero. E cada vez mais a minha voz perdia o fôlego.

O meu pai estendeu a sua mão esquerda e a eu tímida voltou a segurar a sua mão. Viraram-se e regressaram pelo mesmo caminho de onde vieram. Enquanto caminhava, o meu pai disse, sem olhar para trás: *“tens o meu coração, apenas debes ouvi-lo e conversar com ele”*.

A minha garganta formou um grito intenso e lançou-o para fora bem alto enquanto eu acordava assustada. Confirmei as horas. Eram já oito e cinquenta. A minha mãe já tinha ido trabalhar.



## Capítulo 7: A visita e um passeio pela loucura

Levantei-me e fui tomar um belo *nduxi*. Depois, caminhei lentamente até à cozinha e enquanto preparava o pequeno-almoço fiquei a pensar no pesadelo. Perguntava-me o que significaria aquilo e por que é que o meu pai disse que eu tinha que encontrar o meu final feliz. Quem seria aquela segunda eu? Por que razão ela me abraçou e depois partiu? Porém, nenhuma resposta veio satisfazer as minhas questões.

Acabei de fazer o pequeno-almoço e fui deitar-me no cadeirão. Comia lentamente enquanto assistia a um desenho animado.

Devo ir ao encontro do José? E agora, como é que terei coragem de olhar para ele? Errei bastante sobre ele enquanto ele apenas queria ser simpático tentando ser ele mesmo. Eu queria, sim, que ele mudasse, mas ele já é assim. O que devo fazer? E se quando for ao seu encontro, ele me olhar com desprezo? E se me agredir com ofensas tal como eu fiz? Ponderava novamente sobre a minha situação com o José, precisava de tomar uma decisão para fazer voltar a vivacidade do José. Mas hoje, não. Não seria este o dia.

Quando terminei o pequeno-almoço fui preparar-me para sair.

Antigamente, existiam muitos costumes bonitos. Quando as pessoas iam visitar outras pessoas (principalmente homens) juntavam-se aos mais velhos da casa e faziam um resumo da sua vida desde o último momento que se tinham visto até esse encontro e, no final do resumo, enquanto batiam palmas, diziam “*Sango éh?*”, para confirmar que todos os presentes naquele lugar tivessem recebido as belas ou tristes notícias, pois em português, “*sango*” quer dizer notícia ou novidade. Eles respondiam “*Mwanhi!*”. Fazia-se questão de envolver todos naquele momento especial e depois, o mais velho da casa (o pai ou a mãe), faziam o resumo por todos e contavam ao visitante. Quando terminavam, batiam-se de novo palmas pelas doces e simples palavras. Admito que era bonito aquele gesto. Um hábito que foi desaparecendo desde a geração dos nossos pais. Agora, a nossa sociedade tem feito um *up grade* de tudo, temos novas saudações e diferentes formas de perguntarmos sobre as novidades.

Cheguei a casa dos meus avós e encontrei todos no quintal. Assim que entrei, feliz, gritei como uma louca:

- *Mô tropa do babulô!*
- *Wowoo!* - Responderam apenas as minhas primas e primos.
- Nu tem nada. Essas forças?
- Tranquilo. - Disseram em coro.

Todos os velhotes e senhoras riam. Penso que ficaram felizes por me verem ou riam-se da maneira matumba como os saudei. Fui dar um aperto de mão aos meus tios e tias, depois à minha avó (mãe do meu pai), que me chamou para uma curta conversa e, por último, ao velhote de casa.

- Essas tropas? - Perguntei enquanto estendia a mão para cumprimentar o meu avozinho que se encontrava sentado na sua cadeira de *ngogi* (fio).

- Sua mal criada! Eu é que sou essas tropas? - Resmungou o velhote.
- *Txé... tá refilá kota?!*
- Baixa, vou dar-te uma boa chapada, vais saber o que é *refilá*.
- E se, por acaso, eu não quiser receber? - Ria na mesma sintonia.
- Olha a cabeça, tipo do peixe frito.
- Não minta para si mesmo *kota*, essa cabeça herdei de si, *wee...*
- Tu és a única na família com essa cabeça.

Como sempre, quando eu conversava com o velhote, todos os problemas do mundo desapareciam perante os meus olhos. Apenas aquele sorriso de dentes meio amarelados me importava e consolava a minha alma. Ele sabia como fazer-me feliz sem eu perceber. Acho que foi bom ir conversar com alguém que muito pouco precisava para descobrir os meus problemas e para eliminá-los. Puxei uma cadeira e sentei-me ao seu lado. Voluntariei-me para partilhar o seu prato de ginguba comigo.

- Então como vai a tua vida, *kota*?
- Acho que muito bem, já que me encontraste a pular. - Respondeu irónico - Gente burra, pá!
- *Txê*, pelo menos não esqueceste como se ri.
- E tu, porque estás triste? - Perguntou ele, mais sério.
- E quem disse que eu estou triste?
- Diz o teu olhar desesperado. E também estás mais feia do que antes.
- É engano, *kota*. - Retorqui, para não preocupar o coitado.

- Tá bom. - Disse o meu avô - E por que não vens mais visitar-me? Falta pouco tempo para eu partir...

- Não podes partir agora. Achas que já acabei de te chatear?

- Não és tu quem decide como vai ser, eu apenas vos quero ao meu lado antes de ir. Preciso de ver o teu rosto pela última vez.

- E vais ver, mas não será por agora. Não podes morrer sem antes conheceres os meus filhos e avaliares a qualidade do meu futuro esposo. - Afirmei rindo.

- Quem me dera, mas a minha hora está a chegar e se não estiveres por perto perderás a minha última fala emocionante e dramática. - Disse o vovô, com um sorriso no seu rosto enrugado.

- Não digas isso... - Pedi, triste.

- Abandonaste-me. Apenas espero que não me abandones também no meu último dia.

- Não te abandonei, eu só andei um pouco ocupada e o tempo não permitiu aproximar-me de ti.

- Não faz mal, passado é passado. O nosso foco deve ser o futuro misterioso. Agora que consegui a tua sensibilidade com a minha técnica mais do que incrível, vais contar-me porque estás triste? - Insistiu o meu avô.

- Tenho feito coisas horríveis contra um amigo. - Confessei, por fim.

- Seja o que for, já não quero saber. Sei que vais conseguir resolver isso.

- Eu não sei como resolvê-lo... - Disse, cabisbaixa.

- Claro que sabes. Tens o coração do teu pai, apenas tens que conseguir geri-lo.

- Por que estás a dizer-me isso?

- Porque a bondade, a sensibilidade e a sabedoria do teu pai não morreram, ainda habitam em ti. És a única descendente direta dele.

- E se eu não for? E se eu não for como ele?

- Então, és tu quem está errada, porque eu não vou admitir que estou errado. -

Concluiu, rindo.

- Vamos descobrir no futuro misterioso...

- Ora aí está, disseste algo inteligente como o teu pai. Acho que devemos festejar pois, pela primeira vez, disseste algo inteligente. - O humor do meu avô não tinha

limites, ele colocava-o em todas as nossas conversas, não importava o seu estado de espírito.

Falámos ainda durante algum tempo, mas depois retirei-me. Fui juntar-me às minhas duas primas, Lurde que tinha dezassete anos e Belita, com catorze. Preparei-as para sairmos, queria mostrar-lhes a cidade. Mas antes disso, fomos buscar as minhas amigas. Juntas, fizemos uma saída só de raparigas.

Traçámos uma rota louca, mas não a concluímos, pois quando chegámos ao Cambimbi, o sol das treze horas já queimava a nossa pele. Pretendíamos chegar à nascente que ficava ao lado da estrada, no sentido Lucapa/Dundo.

Assim, voltámos até minha casa. Sentaram-se na sala enquanto eu preparava um almoço para todas nós. Quando começámos a almoçar, a Vani lembrou:

- Moni, o José disse que ficou à tua espera e tu não apareceste. Pediu que, por favor, na segunda-feira te encontres com ele, junto ao hospital pelas seis horas da manhã, para irem à VAE.

- Uh!!! - Exclamou a Lourde. - Quem é o José? Será que é o garanhão da minha priminha? - Indagou, curiosa.

- Não, o José é o namorado da Vani e ele é o pior inimigo da Moni.

- O que foi agora? Prometeste, não te lembras? - Recordou a Vani.

- Desculpa Vani, eu prometo que vou mudar o meu comportamento com ele a partir de hoje.

- Essa é mais uma promessa da boca para fora? - Inquiriu novamente a Vani.

- Juro que não. - Retorqui.

- Espero. - Afirmou Vani.

- Agora podemos ter uma conversa agradável que não envolva um rapaz? - Perguntou a Lú - Suas loucas, malucas, doidas e muitos outros nomes que não vou conseguir pronunciar. - Acrescentou.

Falámos das minhas primas e, em seguida, abordámos muitos outros temas bonitos. Depois do almoço acompanhei-as a casa dos meus avós e as meninas do Lucapa a casa dos seus pais. Enquanto regressava de táxi, vi aquele moço bonitão da festa, caminhando sozinho como sempre. Aquele rosto soava-me sempre familiar, porém, não me lembrava onde o tinha visto.

Cheguei a casa e encontrei a minha mãe no quintal. Quando a saudei, ela perguntou-me:

- Como correram as coisas com o teu amigo?
- Hoje não me encontrei com ele. - Respondi.
- O quê? Por que não? - Revelou surpresa.
- Não estava com disposição para conversar com ele.
- Vais continuar a adiar o tempo? - Questionou-me.
- Não, na segunda vou enfrentá-lo.
- Está bem. - Aceitou.

Entrei em casa, tomei banho e fui viajar nos meus livros. A leitura conseguiu entrar muito bem.

Durante o fim de semana passámos por casa dos meus avós. Toda a minha família se reuniu no domingo para comemorarmos o aniversário da minha avó, mãe da minha mãe.

Na segunda-feira acordei às cinco da manhã, preparei-me e fui ao encontro do José.

## Capítulo 8: As rosas falam

- A mulher, por natureza, é frágil e sensível. A sua beleza é única e incomparável. Na sua forma de ser, a mulher ainda é uma caixa grande de mistério a ser descoberto pelo homem. Talvez, o que nos faça tanto repreender a sua natureza é o pouco entendimento que possuímos sobre ela. Pode parecer incompreensível e fraca, porém, mostra-se hábil na sua forma de fazer as coisas. É isso que as rosas me sussurram. Acredito que as rosas não só refletem, como também traduzem ao homem a natureza feminina. As rosas falam muito apenas num olhar. Se prestares atenção, bem lá no fundo, vais ouvir o som da sua voz. As rosas a falar da fragilidade e da força da mulher. A falar da mãe guerreira. A falar da fragância da mulher. A falar dos segredos das mulheres em enigmas que nos conquistam. Falar da beleza da mulher... as rosas falam para quem as saiba ouvir. Em vez de falarem como gente normal, elas preferem usar enigmas que os poetas procuram decifrar pela palavra no seu sentir...

Era isto o que o José, cabisbaixo, me dizia enquanto me entregava uma rosa.

- Feliz rosa, mulher! - Acrescentou com um toque de sorriso receoso.

Dizia um poeta da minha terra que o melhor ouvido do homem é o olhar. Talvez fosse neste contexto que o José traduzia o que as rosas falam. E eu? Eu estava completamente surpreendida. As minhas pernas congelaram e o meu corpo transformou-se numa pedra de mil toneladas que me impossibilitava a locomoção. A minha boca desapareceu, os meus olhos mal piscavam, as minhas mãos pesavam demais para poder levantá-las e receber o tão belo presente.

Quando chegara junto dele, eu esperava ser agredida com palavrões. Um *feedback* do que as minhas acções mereciam, ou talvez algo pior. No entanto, ele veio sacudir-me por dentro com palavras sensatas e bonitas que a sua alma ouvira das rosas.

Passou aquela faísca e acendeu-se uma memória que trouxe a conversa com a minha mãe a perguntar-me quem era o verdadeiro vilão da história. E olhando aquela intimidade doce que lhe refletia os sentidos da alma, percebi que ele tinha a sua razão para estar magoado.

Depois dele colocar a rosa na minha mão direita, nem obrigada a minha boca conseguiu devolver.

Enquanto se afastava, ele apenas me disse:

- Hoje iremos à VAE. É uma associação de Vítimas de Abuso e Estupro.

Distanciou-se alguns passos de mim e eu nem me movi. Estava completamente paralisada. Talvez fossem a vergonha ou a culpa que me impediam o movimento da boca e do corpo. E, entretanto, as lágrimas já dançavam nos meus olhos quando consegui murmurar:

- Só, assim... - Ele, que caminhava, parou e virou-se de novo para mim.

- Não entendi. - Disse-me.

A minha voz regressou por completo e atreveu-se a continuar:

- Não pode ser só assim, eu tenho... Eu devo desculpar-me para ser merecedora do teu perdão.

- Quem perdoa de verdade não é aquele que espera por um pedido de desculpas, mas sim aquele que reconhece o arrependimento do outro e o perdoa antes mesmo de o ouvir a cantar sobre esse formoso pedido.

- Então, eu quero tocar a mais bela sinfonia para merecer esse perdão.

Ele simplesmente abriu as mãos num gesto que dizia, “És tu quem sabe”.

Adormeci o ego, libertei a parte compreensível de mim própria e ali me desculpei por cada mau gesto que tivera para com ele, pedindo-lhe que voltássemos a ser amigos outra vez.

- Sentes que queres ser ou sentes que deves ser? - Perguntou-me o José, fitando-me com um olhar frio.

- Não sei como responder-te... - Devolvi, acabrunhada.

- Não fiques triste com o passado. Tu não deves abrir a porta para que ele venha perturbar o teu presente, deixa-o onde ele habita e, se tiveres que lembrá-lo, que seja para te levatares. Para rir com mais intensidade... Olha só para a minha cara bonita! - Disse José apontando para o seu rosto e simulando um sorriso idiota.

O gato voltou a devorar a minha língua e as palavras desapareceram-me. O José aproximou-se, segurou a minha mão e, finalmente, tirou-me daquela prostração. Começámos, por fim, a caminhar rumo ao nosso destino.

José nunca foi um homem de poucas palavras, ele falava sempre muito. Mas naquele dia parecia estranho, tinha um ar pensativo e a angústia assentava no seu

coração. Imaginei que talvez fosse por mim, mas o seu olhar sincero de quem aceitou o meu perdão, mostrava-me que a razão poderia ser outra. Tentei puxar conversa.

- O que querias dizer com “sentes que queres ser ou sentes que deves ser”?

Parecia incrível quando lembrava a minha mãe a dizer-me exatamente aquilo. Mas, entretanto, chegámos.

Entrámos numa sala e encontrámos sete mulheres e três homens. Todos pareciam calmos, exceto uma senhora que tremia e que parecia estar a viver um pesadelo. Deram-lhe a palavra para que soltasse o frio que a fazia tremer.

- Olá a todos, chamo-me Vanessa Tchambi!

- Olá Vanessa! - Respondemos em coro.

- Desde os meus 10 anos, os meus amigos e primos mais próximos, elogiavam-me todas as manhãs, todas as tardes, todas as noites... e isso influenciou muito a minha autoestima. Mas o certo é que também se tornava numa droga que me viciava. Fui crescendo e o que eu gostava de ouvir quando passava pelas ruas era um “tás linda!”. Gostava muito que alguém me atirasse alguns versos elegantes sobre como eu estava e que falasse de quanto eu era bonita. Muitos homens, principalmente amigos, o faziam e nem todos o faziam por me acharem realmente bonita. Alguns elogiavam-me porque, por algum motivo, vivia nas suas mentes. Quando eu desfilava ninguém resistia, quando os rapazes me observavam, percebia como os seus olhos saltavam. Uma vez, tinha eu doze anos, voltava do ginásio, com uma roupa tão justa ao corpo que mais fazia parecer que não usava nada. Ao passar junto de três rapazes, dei ainda mais energia à minha vaidade e eles comentaram, “Vanessa, você está sexy!”. Aquelas palavras deixaram-me tão feliz! A partir daquele dia, passei a usar roupa que evidenciasse mais ainda e melhor o meu corpo e os elogios aumentaram com uma força enorme. Estes, cada vez mais me subiam à cabeça. Passei a vestir-me somente com o intuito de ser elogiada. Já não era para me sentir confortável comigo mesma, mas sim para que os outros me vissem como a gostosona do gueto. Entretanto, chamavam-me nomes que, mais tarde, comecei a perceber que eram ofensas a uma mulher digna. Fiz tanta propaganda do meu corpo que quando os rapazes começaram a aproximar-se para me conquistar ou comprar o que eu lhes exibia, eu mesma os rejeitava. Alguns deles desistiram e aqueles que muito queriam, sentiram-se furiosos. Mesmo assim, não ganhei juízo, continuei na praia da indignidade. Certo dia, quando voltava para casa, fui apanhada por oito homens com



idades próximas à do meu pai. Eles já me cobiçavam há longa data. Por isso, naquele dia, violaram-me. Tiraram a minha virgindade levando, assim, com eles a pouca dignidade que em mim ainda restava. Arruinaram-me a vida... Como podem ver, o trauma ainda habita nos meus ossos. Eles são sim culpados, mas eu também tive culpa neste acontecimento. Arrependo-me todos dias quando penso que muito contribuí para este horror. Tento em cada manhã livrar-me daquele momento que me assombra até no piscar dos olhos, mas não consigo... A minha irmã disse que aqui poderão ajudar-me, só que não sei como vão apenas falar deste problema.

- A recuperação é um longo processo e o primeiro passo é admitir que você tem um problema. Se são demónios do passado que a atormentam, fale sobre cada um deles, porque ficar calada e tentar esquecer é um suicídio à sua saúde emocional... No início do trauma, é bom procurar gente que a deixe confortável, pessoas que, perto delas, se sintam seguras. Também o pode fazer com pessoas que ame e em quem possa confiar para conversar sobre o problema. Isso lhe servirá de terapia. - Afirmou um senhor, permitindo que a participante do grupo pudesse descansar a sua ansiedade - Mas de preferência, procure mesmo um especialista para poder ajudá-la melhor. O trauma é um choque que marca alguém negativamente, portanto, é normal que se sinta culpada. Mas a culpa é um peso. É necessário descartá-lo para que a recuperação aconteça mais rápido.

- Mas eu sou realmente culpada... - Insistiu a senhora.

- Como poderia ser? Como? Não era apenas uma simples e inocente criança? - Perguntou uma senhora.

- Não, eu não era inocente. Eu já tinha noção do certo e do errado, mas optei pelo errado... De certa forma eu provoquei isso. Alguma vez já foi violada por homens adultos a quem poderia chamar de pai?

- Nunca. Não vou dizer que me aconteceu algo pior, porque realmente não sei se o meu problema foi pior do que o seu. Eu consegui enfrentar um problema que achava ser o pior do mundo, sinceramente até agora ainda acho que é o pior do mundo, mas se eu venci o meu, acredito que também conseguirá vencer o seu... Porque eu lutei contra o meu pior problema do mundo e você também está a lutar contra o seu pior problema do mundo. Dizia um poeta que tudo é apenas pior na nossa mente, logo nenhum deles é

um pior, eles são só problemas e todos os problemas têm as suas soluções. - Aconselhou a mesma senhora, num tom suave - Você vai vencer, mas antes, perdoe-se a si própria.

Era o primeiro dia da senhora Vanessa no VAE, cuja idade andaria pela casa dos trinta anos. Chorava enquanto falava e quem a aconselhava era um psiquiatra. Dos três homens que estavam na sala, dois eram psiquiatras e um era psicólogo. Aquele que, segundo o José me tinha dito, foi o psicólogo que, com o apoio da esposa e dos outros dois psiquiatras, fundaram a VAE.

Após terminarem a abordagem com a senhora, o tal fundador saudou:

- Olá!

- Olá! - Saudamos igualmente, em coro.

- Para aqueles que não me conhecem, chamo-me António Yambo. Na abordagem feita pela nossa formosa Vanessa, ela considera-se a culpada de tudo o que lhe aconteceu. Erro, tal como disseram os meus colegas. O homem foi um animal ao praticar tal ato, ele não soube respeitar a mulher com a fragilidade e o carinho que merece. Talvez fosse efeito do álcool ou já é doença mental, mas nada justifica o cometido. Vou contar-vos uma história. Durante a minha adolescência também pratiquei comportamentos idênticos, não me orgulho e triste fico quando sei que fiz parte daquele mundo. Era chamado de *Kai Com Todas* e fazia parte de um grupo cujo objetivo era mesmo realizar tais atos. Eu não sei como se sente, mas posso imaginar. Quero dizer-lhe que aqui terá todo o nosso apoio nessa luta.

Aquele nome não me soava estranho, nunca tinha visto ou ouvido antes falar do senhor António. Mas aquele nome, *Kai Com Todas*, eu já tinha ouvido falar dele em algum lugar. Enfim, quando terminou a sessão, agradecemos ao senhor António e despedimo-nos para nos retirarmos. Porém, ele exigiu que ficássemos para comer qualquer coisa.

O José continuava estranho, parecia raiva o que ele sentia. Mas, se ele estivesse com raiva de mim ou triste pela última maldade que eu lhe tinha feito, dar-lhe-ia razão.

Enquanto nos dirigíamos para o refatório, perguntei ao José:

- Por que hoje não lacrimaste em poesia?

- Porque nenhum poeta chorou para mim hoje e não me veio à mente nenhum poema que se integrasse no momento. - Respondeu-me sério, algo que dificilmente fazia parte da sua expressão.

- Esquece. Fala-me, então, do que se passa contigo. - Ordenei, preocupada.

- Será que hoje te pareço mais bonito, não? Eu sei que sim. - Respondeu-me sarcástico.

- Não, não, não é isso. Pareces-me estranho.

- Deve ser o bigode que estou a criar... - Voltou a ironizar enquanto acariciava o queixo deserto. O seu gesto traduzia loucura porque o bigode não crescia no lugar onde ele julgava.

- Que bigode lá esse! Tu nem tens sequer um pel... - Dizia-lhe antes de me surgir uma memória no consciente - Já sei onde ouvi falar de *Kai Com Todas*!

- Deverei preocupar-me? - Inquiriu o José.

- Foi ele quem matou o meu pai. *Kai Com Todas* foi um dos assassinos do meu pai!

- Sim, devo preocupar-me... - Sussurrou José - Sinto muito. Podemos ir embora, então?

- Não, eu vou fazer justiça! - Rematei, com um suor gelado na pele.

- Não Moni, ele já pagou por isso. - O José tentou travar-me.

- A justiça nunca lhe deu o castigo merecido. - Afirmei, a ferver de raiva.

- Lamento muito mesmo, mas vamos embora, Moni... - Tentou ele convencer-me com um rosto dramático de novela.

- Nem pensar. Eu vou matá-lo! - Gritei, pegando numa faca que estava em cima da mesa. - Irei ao seu escritório para concretizar a minha tarefa.

Antes de eu dar alguns passos, o José segurou-me pelo braço e a minha pele arrepiou-se até aos ossos, tornando-me mole como gelatina.

- Queres realmente fazer isso? - Indagou.

- Sim, eu quero. Quero que o meu pai descanse em paz. - Respondi.

- Eu não entendo qual a sensação que estás a viver ao encontrar o assassino do teu pai, mas percebo a tua dor. Também fiquei com raiva ao ouvir o que me contaste e se estivesse no teu lugar, acredito que desejaria fazer o mesmo...

- Então, solta-me agora. - Ordenei, pálida.

- Moni, quando o António, o *Kai Com Todas* ou sei lá quem, estava na fase de descoberta, certamente cometeu muitos erros, mas acredito que a vida o fez pagar por muitos deles. Hoje ele fundou esta associação para compensar os seus erros, ajudando

mulheres e jovens que foram vítimas ou que sofreram transtornos do mesmo tipo que ele cometeu no passado. Ele arrependeu-se de verdade de muitas coisas que fez e uma das formas que expressa o seu arrependimento é precisamente a criação deste projeto, a VAE. Se este é o teu momento de fazeres escolhas, então fá-las corretamente para não receberes más recompensas.

Quando acabou de falar, soltou-me o braço. As suas palavras surtiram efeito, deixaram-me indecisa.

Mas a minha sede de vingança falou mais alto. Fui, bati à porta e entrei com permissão. Ao entrar, olhei-o sentado no seu trono. Respirei fundo pelo que estava prestes a fazer.

## Capítulo 9: Gente que é gente

*Dedicado, em especial, à poetisa Débora Siqueira*

- Olá! É você, Mônica. Pois não?
- Sim, sou eu, Mônica. - Respondi.
- Em que posso ajudá-la?
- Que tal trazeres o meu pai de volta? - Atirei, enfurecida.
- Desculpe, mas não estou a entender. O seu pai?
- Lamba Rya Uchi. Eu sou a filha da Xica e do Lamba Rya Uchi, seu demónio.
- Lamento, mas não sei de quem está a falar. Por favor, retire-se da minha sala...
- Que tal Kota Van Damme, aquele que vos deu uma surra numa festa e depois vocês aproveitaram a oportunidade quando estavam na Terra Nova para espancá-lo. - Apontei-lhe a faca nesse instante.
- Já me lembro... - Disse ele, levantando as mãos - Caso esteja desaparecido, gostaria de ajudar na busca. Porque gostaria muito de me desculpar com ele. - Acrescentou.
- Ele está morto e adivinha quem o matou. Sim, é isso mesmo, tu e o teu grupinho.
- Eu sinto muito! - Lamentou, incrédulo.
- Sentes? Não, não sentes. - Repeti enquanto me aproximava dele - E eu vou tirar-te a vida, tal como tu tiraste a do meu pai. Porque assim vais sentir o que é muito.
- Cuidado com essa faca, filha... - Avisou o senhor António.
- Tu não és meu pai!!! - Gritei em fúria.
- Ouça, eu já cometi muitos erros quando tinha a sua idade e fui pagando por todos eles durante o meu crescimento. Não imagina o que passei por causa dos meus malditos erros. Acreditei que ao fundar a VAE estaria a redimir-me com a vida, mas nunca foi o suficiente, porque o que fiz às pessoas não tem perdão. Talvez morrer fosse o bastante, mas se for você a fazer isso, vai estragar o seu futuro. O tempo vai-nos recompensando dolorosamente...
- Cala a boca! - Continuei a gritar.

- Veja a luz que existe em si, antes que se perca na escuridão intensa. - Disse o senhor António - Peço-lhe que seja diferente de mim.

- Pois essa luz que há em mim está a mostrar-te a ti. Sabe que, por isso, vou matar-te e ainda assim, mesmo depois disso, nunca serei igual a ti, seu monstro.

De repente o José entrou, segurou o meu braço e suplicou-me que fôssemos embora. Tentei discutir com ele e ele disse-me baixinho, ao ouvido:

- Lembras-te quando eu disse que quem perdoa de verdade não é aquele que espera por um pedido de desculpas, mas sim aquele que reconhece o arrependimento do outro e perdoa antes de o ouvir a cantar sobre o formoso pedido de desculpa? Eu perdoei-te porque vi que estavas arrependida. Se te parece que ele está também arrependido, por que não perdoá-lo?

Mesmo sem conseguir raciocinar corretamente, tentei ponderar as suas palavras. Mesmo sendo difícil, percebi que teria razão. Eu tinha necessidade de deixar o passado para trás.

A tentar acalmar-me, acabei por aceitar retirar-me com ele. Ao sairmos, ficou a observar o senhor António enquanto este insistia, com uma expressão dolorosa na face, em pedir o meu perdão por tudo.

Seguimos ao encontro da professora do ensino primário e ativista social, Silvana. Toda gente em Lucapa conhecia e amava aquela jovem de 26 anos e, o que mais gostavam nela era o seu amor pelas crianças. Ela ocupava-se também em ajudar mulheres que sofriam injustiças.

De acordo com a explicação do José, enquanto caminhávamos em passos lentos, alguns vendedores do mercado do Txanza estavam a ser perturbados por fiscais. Pelo facto da praça existir apenas desde 2018, tornou-se um grave problema para a população vendedora e consumidora de classe baixa. Aqueles que moravam distantes eram obrigados a apanhar táxis e, com outros gastos extras, o que sobrava para o jantar era a miséria das misérias.

Com o tempo, o mercado tornou-se apertado e quando as pessoas se sentiram sufocadas, começaram a abandonar os espaços determinados pelo governo. Além de frustrar os fiscais porque assim diminuía os valores das mixas que pescavam das senhoras da praça. Também aquelas que vendiam fora da praça não pagavam os tais

impostos. Quase todos os dias se juntavam a elite da polícia e os fiscais para massacrar os vendedores e quando estes se revoltavam, o massacre transformava-se numa batalha.

Quando pousámos no campo de batalha, a guerra já estava bem aquecida. Gritos de socorro nos nossos ouvidos eram disparados e o que os nossos olhos contemplavam enviavam de imediato imagens ao pensamento. Percebida a gravidade da situação, libertou-se o rio das emoções a inundar-nos os olhos. Não com lágrimas grossas, mas com aquelas que apertavam os nossos corações. Olhei para o brutamontes do José que parecia estar com raiva desde manhã. Naquele momento já estava tão mole quanto um soldado vencido. Tudo o que fazia era deixar a sensibilidade viver.

Eu já o tinha visto, há dois anos atrás, naquele estado de soldado derrotado, quando estávamos na escola. O que será que o deixava assim? Não sabia.

O José recebeu o megafone que estava com Silvana e deu alguns passos, meio cabisbaixo.

Tal como todos sabemos, depois daquela pandemia que ceifou muitas vidas e aterrorizou a economia de grandes estados do mundo, as grandes potências foram reconstruídas por pequenas ideias de jovens académicos. Esse o motivo por que muitos países, incluindo Angola, decretaram que quando houvesse uma situação onde estivessem envolvidos os oficiais da lei, deveriam ouvir o conselho de um jovem com consciência crítica, deixando-o ajudar a resolver o problema.

Então, o José ergueu o rosto molhado e, lentamente, ia gritando:

- O que é isto, gente?

A voz trémula despertou a atenção de alguns soldados inconscientes e quando o José gritou pela segunda vez, muitos pararam para o escutar.

- O que é isto? O que estão vocês a fazer? A resolver o problema com outro problema? Quantas vezes se revoltaram e o resultado foi o reinício da luta? Quantas vezes lutaram com esses senhores e nada conseguiram resolver? Eu sei que muitos aqui precisam vender para conseguir o pão, mas se as condições da praça não são favoráveis, por que não vão reclamar na administração municipal?

- *Yetue tuaya, mwanami* (Já fomos, meu filho)! - Gritou uma senhora idosa.

- É... e só nos mandaram esperar duas semanas que nunca acabam. - Advertiu um senhor de meia-idade.

- E nós não podemos ficar sem vender por muito tempo porque é das vendas que sustentamos as nossas famílias. - Continuou uma moça.

O José lamentou com a cabeça baixa. Quando voltou a erguê-la disse, calmamente:

- Por que é que os senhores fiscais estão a fazer isto? Mesmo que tenham razão, por que estão a espancar esses pobres sobreviventes da vida?! Porventura, não são muitos deles os que lutaram durante a guerra civil para obter a paz que vivemos hoje? Por que lembrá-los dos horrores que tanto lutaram para exterminar? E para onde foram os ensinamentos dos nossos ancestrais que dizem que a mãe do outro é a tua mãe, não importando se for uma desconhecida pois desde que tenha a idade da vossa mãe, ela também é a vossa mãe? Pergunto novamente: essa senhora não deveria ser a vossa avó? Essa senhora não deveria ser a vossa mãe? E essa, não deveria ser a vossa filha ou a vossa irmã mais nova? Então, se vocês fazem isso com elas, quer dizer que também sois capazes de fazer isso com a vossa família de sangue?! Pior do que miseráveis das riquezas da vida, é estarmos perdidos num mundo tão pequeno e perverso. Somos almas corrompidas que só vivem na ganância, no ódio, no orgulho... Isso escureceu os nossos corações que deixaram de enxergar a luz do amor ao próximo, a bondade e a gentileza. Ainda reflito sobre as palavras do poeta Bráulio Bessa que nos dizem que “gentileza é essência, é um pedaço de Deus dentro da gente”, mas parece que nós dizíamos este pedaço e nos tornamos gente que não sabe ser gente.

O José libertou toda a voz do sofrimento que se acumulara dentro de si e chorou como nunca. Mas continuava a lutar, mesmo sem força alguma. Todos murmuravam ao seu redor. Alguns desvalorizavam-no, outros atiravam-lhe com as pedras da razão. As palavras daqueles que o escutaram com hostilidade, libertaram dentro dele o tigre do seu choro, deixando-o muito fraco. Lentamente, foi caindo de joelhos, estendeu as suas mãos sobre o chão e começou a declamar a poesia “Gente Que é Gente”, da poetisa Débora Siqueira:

*“É que eu já vivi demais  
E já não sei viver de menos  
É que já sofri demais  
E já não quero meio termo  
É que já passei da idade*



*Mas minha alma não sabe  
É que já não acredito em tudo  
Mas não desacredito, quem sabe?  
É que já não me enganam fácil  
Mas eu me deixo levar  
Dou corda para ver até onde vai  
Se acha que pode me tirar o ar  
Acaba de se enganar  
Eu já não acredito tanto em palavras  
Eu já não acredito em promessas  
Palavras são só palavras  
E cada promessa é uma peça  
Que o teatro da vida nos prega  
Eu já não acredito em muita “gente”  
Porque tem “gente” que não sabe o que sente  
E se não sabe, mente  
Inventa descaradamente  
Tem gente que não é gente  
É por isso que desacredito de muita gente  
Eu já não choro, não me bato nem me racho  
Por conta do passado  
Das pessoas que passaram  
Dos mascarados  
Das colombinas  
Nem fico mal  
É porque entendi que a vida é um carnaval  
Eu já não me abalo quando me oferecem pedras  
Eu já não me abalo quando ouço que não valho um vintém  
Porque uma lição da vida eu aprendi muito bem  
Cada um oferece aquilo que tem  
Se você tem amor  
É amor que vai ofertar*

*Se tem desamor  
É isso que vai dar  
Eu acredito sim em Deus  
E continuarei amando cada criança  
É que assim não deixo morrer  
No meu peito a esperança...  
É essa tal esperança  
Que me põe no páreo com a vida  
E me faz encontrar forças  
Para continuar na lida  
Mas não tente me decifrar  
Porque cada ser é um enigma  
Cada vida uma vida  
Eu não sou o que você vê  
Será que você é o que eu vejo?  
Ninguém sabe  
Ninguém vê  
Se você vê  
Me desculpe, eu não vejo  
Não me interessa a superfície  
Coisas gélidas...  
Chega de coisas rasas  
Quero pessoas de alma  
E corações em brasas  
É que já não tenho idade  
Para suportar desamor  
Mas se vier venha armado  
Para não ter dissabor  
Eu não me esforço para agradar ninguém  
Nem quero por perto o que me diminui  
Não... não  
Só quero gente do bem*

*Gente que sabe o que sente*

*Não engana*

*Não fere*

*Não mente*

*Gente que sabe ser gente*

*Gente que ama*

*Gente que sente*

*Enfim...*

*Gente que gosta da gente.”*

Acabou, fechou os olhos por cinco segundos e quando ganhou forças levantou-se sem dizer nada, seguiu o seu caminho e pôs a vida em marcha. Foi alcançando as distâncias. Não olhou para trás como se já se tivesse esquecido de nós. Fui atrás dele.

## Capítulo 10: Novas descobertas

- O que foi aquilo? - Indaguei, ao alcançá-lo, após uma pequena maratona.
- Era eu a declamar a poesia "Gente Que é Gente", da poetisa Débora Siqueira...
- Respondeu-me o José agarrado a um sorriso forçado.
  - Não foi isso que te perguntei, pá! - Disse rindo, na mesma sintonia que ele.
  - Não sabes que essa poesia foi publicada na obra, "O Destino dos Poetas"? É um livro incrível, onde participaram poetas talentosos com poemas maravilhosos.
  - Não quero saber. - Interrompi - Olha, vou reformular, diz-me o que tens.
  - Estou a tentar criar um pouco de bigode e eu sei que parece estranho. É que quero dar um toque clássico, mas moderno... - Dizia segurando o queixo, antes de eu o interromper novamente.
    - Primeiro, o bigode não cresce no queixo e tu não vais ter bigode nem daqui a muitos anos. E segundo, eu sei o que estás a fazer.
    - Uh! E o que estou eu a fazer?
    - Estás a dar todas essas voltas para me afastar da verdadeira questão.
    - Ai, moça... Nunca pensei que era tão *enzimático*!
    - Não é assim que funciona. - Afirmei, séria - Desde o momento em que nos encontrámos esta manhã, pareces-me com raiva e entristecido. Diz-me o que há! Talvez eu possa ajudar. Ou será que é culpa minha?
      - Não é culpa tua. - Retorquiu, sério.
      - Então o que se passa? - Continuei a insistir.
      - Não quero falar disso. - Respondeu-me sem aquele sorriso de sempre.
      - Somos amigos e os amigos ajudam-se uns aos outros... - Referi com o olhar completamente deitado sobre aquele "broto" da festa que vinha na nossa direção.
      - Está bem, é que...
      - Desculpe, moço... - Falei interrompendo e ignorando o José, para me dirigir ao rapaz misterioso que passava ao nosso lado - Já nos conhecemos?
        - Pelos vistos ele não percebeu que estava a falar com ele, por isso repeti a questão:
          - Já nos conhecemos, moço?

Ele investiu, por fim, a sua atenção em mim e retorquiu:

- Acho que te vi na festa.

- Não na festa, antes da festa... quer dizer, a tua cara não me parece estranha.

- Tens tido a mesma sensação, não é? O teu rosto lembra-me uma amiga. –

Comentou ele.

Então, parece mesmo que já nos vimos antes de tudo isso, mas de onde? Dei-lhe a mão em sinal de cumprimento para me apresentar. Reparei no seu pescoço. O mesmo colar que a minha mãe me entregou, dizendo-me que era um presente do meu amigo de infância. Ousei pegar o colar para o observar e vi que atrás do pingente estava escrito, “melhores amigos”.

Esperem... se no dele estava escrito “melhores amigos” e no meu “para sempre”, isso completaria a frase: “Melhores amigos para sempre”. Foi aí que uma faísca de memória me acendeu o consciente. Lembrei quem era ele. Era ele, sim, o meu protetor de infância, o meu primeiro e melhor amigo. Era o...

- César, és o César...

- Como sabes o meu nome? - Perguntou surpreso.

- Porque sou eu, pá. Eu tenho um colar igual ao teu e no meu está escrito “para sempre”.

- Moni... Mônica! - Murmurou ele.

Eu tive muitos amigos que mantiveram um calor inexplicável em mim, mas desde que me separei dele, desde que me distanciei do meu César, senti que uma parte de mim estava muito fria. O primeiro amigo é como o primeiro amor da nossa vida. Pode ser a pior pessoa do universo, mas para nós é como uma memória do nosso nome ou uma cicatriz de queimadura na cabeça.

Já que nos tínhamos reencontrado, eu precisava de me aquecer. Demos um abraço imenso que deu calor aos nossos corações. Não queria soltá-lo nunca mais, mas precisava apresentá-lo ao José. O César deu a mão ao José, mas o seu olhar não se desviou de mim. Ofereceu-me novo abraço forte. Enquanto nos abraçávamos pela segunda vez, o José começou a ir-se embora.

- Para onde vais? - Perguntei-lhe enquanto continuava a abraçar o César.

- Tenho coisas para fazer... - Respondeu, muito triste.

- Espera, eu vou contigo. - Disse, largando o César.

- Não, podes ficar a abraçar o teu namoradinho.  
- Ele não é meu namorado. O que se passa, José? - Perguntei preocupada.  
- Nada...  
- Ei wy, está tudo bem, mesmo? - Indagou o César, aproximando-se do José.  
- Está tudo bem e eu não sou teu "wy". - Respondeu arrogantemente o José.  
- Não faz mal expressares os teus sentimentos, se os guardares aí dentro vão-te destruindo por dentro... - Considerou César, mais próximo do José.

O José não disse mais nada. Apenas saiu junto de nós, a correr.

Aproximei-me do César, mas ele pediu-me que fosse atrás do José porque o meu outro amigo estava muito mal e naquele momento precisava, principalmente, de mim. Antes de partir, dei-lhe a minha morada e agradeci-lhe a sua compreensão.

Consegui alcançar o José no desvio do Dundo. Depois da longa corrida, tive que descansar um pouco para recuperar o fôlego. Perguntei-lhe, de novo, o que se passava com ele. Contudo, a sua boca manteve voto de silêncio.

- Sei que estás mal desde que nos encontramos esta manhã. Até o César que não te conhece, notou isso. Diz-me o que aconteceu. Como posso ajudar-te?

- Não podes...

- Sim, eu posso.

- Não, não podes...

- Só precisas contar-me que eu vou saber como te aju...

- Não, não podes ajudar-me, porque eu sou um assassino. Eu sou um assassino. - Gritou, chorando.

O José sempre foi um brincalhão, mas naquele instante parecia falar muito sério. Mesmo quando eu pensava que o odiava, imaginava tudo menos um assassinato. Fiquei pasmada ao ouvir as suas palavras, não consegui falar nada que o pudesse confortar. E na cabeça rodeavam-me perguntas: quem é que ele matou? E por quê?

Sentou-se a chorar, bem ao lado da estrada, olhando para a continuação que ia ligando o Dundo.

- Eu sou um maldito assassino... - Concluiu, num lamento.

## Capítulo 11: Como vai ser agora?

- O que aconteceu exatamente? - Perguntei-lhe.

Ele começou a falar por entre lágrimas.

- Há dois anos, o meu pai pediu-me para controlar o seu ginásio porque lá haviam documentos importantes e muito dinheiro. Quando os meus amigos apareceram, convidaram-me para uma boda e eu aceitei ir sem pensar duas vezes. Sem querer, deixei a porta do ginásio aberta. Ladrões entraram, levaram o dinheiro e a pasta que tinha os tais documentos. Quando o meu pai teve conhecimento da minha irresponsabilidade, ficou furioso. Ralhou bastante comigo. Eu não aceitei a minha culpa, faltei-lhe ao respeito em frente de oficiais da polícia e diante dos seus amigos. Ele ficou tão vexado que engoliu em seco. Naquele dia fui dormir em casa do meu tio porque não queria ouvir mais o meu pai aos berros comigo. No dia seguinte, por volta do meio-dia, regresssei a casa. Descobri que o meu pai tinha morrido num acidente enquanto ia para o Dundo resolver o problema dos documentos. Um acidente por excesso de velocidade, certamente por estar com muita raiva por tê-lo provocado daquela maneira. E ele decidiu ir ao Dundo porque eu o obriguei quando deixei que roubassem os documentos. O meu erro e o meu orgulho assassinaram o meu pai. Se pareço triste hoje, é porque hoje se completam dois anos desde que assassinei o meu pai...

- Mas tu não mataste ninguém, José! Não podes prever o futuro e eras apenas um adolescente que queria curtir a vida. Não é culpa tua nada do que aconteceu. Só o destino conhece o fim de todos. A forma como os fins se realizam é planeada antes de nós agirmos sobre eles.

- Dizes isso apenas para me confortar emocionalmente, mas bem lá no fundo sabemos que a culpa de tudo é minha.

- Eu não tenho todas as respostas como tu, mas se existe uma coisa que aprendi na vida, é que tantas vezes nada do que acontece é culpa nossa, é a força do destino a agir... Não poderias mudar nada do que estava para acontecer porque não conhecemos o destino.

O seu choro aumentou e o meu lado sensível ofereceu-lhe o ombro para ele se apoiar enquanto diminuía a dor.

- Precisas de esquecer isso. O último momento trágico está a apagar todos os bons momentos que vocês passaram juntos. Apenas honra a memória do teu pai. Procura lembrar-te dos dias em que ele fez algo para permitir que o teu dia fosse sempre mais feliz que os anteriores... Concentra-te nesses momentos. Acredito que uma das razões do que aconteceu terá sido para recriares aqueles momentos felizes e ser feliz quando ele não estivesse mais aqui. - Sussurrei.

Lentamente sessava a batalha das emoções. Os seus olhos calaram às lágrimas. Continuou apoiado no meu ombro enquanto observávamos o sol a adormecer.

No meio do silêncio humano, onde apenas o barulho dos carros festejava o momento, ele segurou na minha mão e, desse toque, nasceu um arrepio. A respiração tornou-se ofegante, talvez porque o coração estava mais agitado do que nunca. Naquele frio da tarde, as minhas mãos suaram e o meu corpo acolheu um calor estranho.

Olhámo-nos de frente e, vagarosamente, fomos encurtando a distância dos nossos rostos. Quando acabaram os centímetros a separar-nos, os nossos lábios uniram-se.

Ah! Era como se eu estivesse a morder um pedacinho de carne muito macia... as ilusões que a minha boca oferecia eram mais deliciosas do que chocolate. Juro que eu não queria largar aqueles lábios, não queria soltar aquele momento.

Deve ser por isso que a Vani salta como uma louca para beijar este broto.

E foi então que veio o estraga prazeres a dizer-me que o que eu fazia estava errado. O meu código de ética julgou-me e a consciência determinou que a sentença iria destruir-me. Por isso, com todo o esforço do mundo parei e, como uma tonta, perguntei sem jeito:

- O... o que foi isto?

- Isto fui eu a traduzir os meus sentimentos. - Suspirou ele.

- Sabes que não podias fazer isto... não podemos fazer isto. - Disse enquanto me levantava.

- Porque não, se te amo? - Ele também se levantava.

- Porque és o namorado da minha melhor amiga...

- Mas eu não a amo, é a ti que eu...

- Pára! Pára com isso, por favor... - Falei completamente sem jeito.



- Moni, não consigo mais guardar isto dentro de mim. Amo-te desde o primeiro instante em que te vi. Quando ficámos no mesmo grupo, achei que essa seria a minha chance de te conquistar.

- Mas então, porque estás com a Vani? Se não a amas, porque aceitaste namorar com ela?

- Porque ela me pediu em namoro em frente dos meus amigos...

- E...?

- E eu não podia envergonhá-la. Acreditei que, de outra forma, iria destruir a sua autoestima. Durante este tempo tenho procurado várias tentativas para que ela me mande embora, mas parece que é obcecada por mim e eu não tenho nenhum interesse em feri-la.

- Tens que dizer-lhe a verdade.

- E depois, o que vai acontecer? Ela ficará depressiva e acontecerá sei lá o quê...

- Mostrou-se relutante o José - Eu já cometi aquele erro que custou a vida do meu pai. Não quero deixar também a Vani magoada. As mulheres obsessivas, quando magoadas pela rejeição, podem cometer suicídio e eu não quero esse peso em mim!

- Bem, então vamos esquecer o que aconteceu connosco e tu procurarás esforçar-te para me tirar do teu coração e nesse lugar colocar a Vani. - Anunciei, virando-me para me ir embora.

- Não será possível. - Disse o José ainda parado no mesmo sítio - O meu coração escolheu-te a ti e não ouviu as minhas ordens.

Continuei a caminhar. Os pensamentos frustravam a minha mente. Precisava de conversar com alguém para acalmar os nervos. Não podia ser com a minha mãe e nem com as minhas amigas. Apenas me ocorreu uma pessoa que poderia relaxar-me com os seus conselhos.

Fui a casa dos pais do Jorge. Encontrei a sua irmã mais velha a preparar o jantar no quintal e ela disse-me que o Jorge estava a estudar no quarto com a Vani. Entrei e abri a porta sem pedir licença. Então vi...

Não... não esperava por aquilo. Nunca sequer me passou pela cabeça que um dia iria ver algo assim neles os dois. A surpresa foi de matar! Talvez assustada ou com vergonha, gritei:

- Que lixo é este?!

Os dois deliciavam-se nos seus corpos, explorando prazeres. Enlouqueci, talvez por ciúme, ou talvez por raiva dela fazer aquilo com o Jorge, mesmo sabendo o que eu sentia por ele. Ou talvez ainda, por eu ter-me visto forçada, pouco tempo antes, a parar de aproveitar o momento mais gostoso que estava a viver naquele dia de tantas tragédias, para respeitar a minha amiga. E ela faz-me isto. Vai para a cama com o homem que fez dançar o meu coração.

Quando não suportei aguentar o meu limite de forças, a melhor opção que me surgiu foi sair daquela casa imediatamente.

No regresso a casa passava pela rua que dava acesso a casa dos pais do José. Parei. Os pés ditavam ao meu cérebro que virasse o corpo nessa direção, mas uma parte de mim ainda negava tal orientação. No final, a fraqueza fez subir o prato da balança e, assim, dirigi-me a casa dos pais do José.

Quando entrei no quintal encontrei-o sem camisa, a arrumar o seu anexo. Aproximei-me e ele ficou surpreendido pois não me imaginaria ali naquele instante.

- O que a traz aqui, princesa?

Nenhuma palavra saiu da minha boca, talvez porque não sabia o que realmente havia ido lá fazer. Mas repentinamente, agarrei o seu pescoço e afoguei-o em beijos. Deitámo-nos na tralha que estava sobre a sua cama e fomos descobrindo loucas carícias. Senti as minhas mãos a viajar pelo seu corpo e suas mãos pelo meu, provando novamente aquele sabor incrível do seu beijo. Seguimos viagem... Esforçámo-nos por nos prevenirmos, e assim percorremos os cinco continentes, na magia dos prazeres proibidos.

Quando voltámos ao mundo real eu já estava deitada sobre o seu peito. Mantivemos por alguns segundos um silêncio constrangedor, mas depois ele perguntou:

- Como vai ser agora?

- Não sei. - Respondi, breve.

O silêncio voltou novamente tomando o momento. Olhávamos para o teto e cada um conversava com os seus pensamentos. Quando esta conversa terminou, ele voltou-se para mim.

- Amanhã não teremos visita a nenhum lugar, por isso gostaria de te levar a um passeio... Na verdade, a um lugar incrível onde o meu pai costumava levar-me há muito tempo.

- Onde? - Perguntei.

- Vamos encarar isso como uma surpresa. - Respondeu.

- Está bem. - Confiei. - E a que horas será? - Quis saber, enquanto me vestia.

- Às nove horas.

- Certo.

O meu cavalheiro acompanhou-me até à paragem de táxis.

Quando cheguei a casa abri a porta e vi... não acreditei quando vi, mas era real.

Depois de tanto tempo sem se juntarem foi justamente naquele dia. O que teria acontecido para elas saírem de vários pontos do país e se reencontrarem aqui de novo? Sim, elas reuniram-se. As doze senhoras. Como o meu pai as chamava, as “bruxas lindas”. A curiosidade não ficou apenas na minha mente, saiu pela boca.

- Para onde vão as velhotas bem arrumadinhas como jovens?!

- Acabaste de nos chamar velhotas, sua mal criada? - Perguntou a tia Suzi.

- Sim, porque vocês são velhotas! - Exclamei.

- Filha, nós vamos sair. Esta é a nossa noite. Só as doze meninas lindas. - Disse a minha mãe.

- Tenho quase a certeza que o termo certo seria “as doze velhotas lindas”, ou melhor ainda, “as doze bruxas lindas”. – Brinquei, afogando-me em risos.

- Olha só a cara dela, tipo o pai dela! – Retorquiu a tia Ngogi, mãe da Vani.

Elas saíram. Fiquei a assistir um desenho animado até que adormeci.

No dia seguinte, acordei e preparei-me para ir ao encontro do José, mas primeiro decidi atirar alguma coisa para o estômago. Entretanto, ouvi alguém a bater à porta e quando abri, era o Jorge que vinha falar comigo.

## Capítulo 12: A loucura e a vida

**[narração do Jorge]**

Caminhávamos em passos lentos em direção à festa para a qual o Vanelson nos convidara. Durante o percurso apelava ao bom senso das meninas para o risco que corríamos ao irmos a uma festa no bairro mais perigoso do Lucapa, mas elas não me davam ouvidos. Seguia-as apenas para, como sempre, as proteger pois se eu não o fizesse, as suas mães iriam dar-me uma tarefa que me faria arrepender de tudo o que já fiz na vida.

Chegámos e parámos naquela espécie de galáxia de ruído onde adolescentes dançavam e consumiam álcool.

Eu e as meninas procurámos um canto mais afastado e ficámos a conversar. Entretanto, aproximaram-se de nós também o Vanelson.

Sussurrei baixinho ao ouvido da Vani se ela queria dançar comigo uma forte “tarraxinha”. Ela interpretou como uma brincadeira e respondeu a rir:

- É claro que não, seu pateta!

Ri-me com ela para disfarçar a timidez.

Alguns minutos depois, o Vanelson regressou com Steid e o José. A fúria dançou no rosto da Moni. Súbito, a Vani atirou-se como uma louca nos braços do José e beijou-o.

Bum! Foi com certeza um “Bum”. Uma bomba atómica a explodir no meu coração. Mas no corpo ainda restavam algumas forças. Logo a seguir, Vani lançou nova bomba.

- O José é meu namorado!

Bum! Bum! Bum! Outro ataque não! Mas veio. Fiquei hipnotizado dentro do silêncio. Boquiaberto e sem nada para dizer. Os meus olhos foram a única parte do corpo que se manteve viva depois daquelas explosões.

A Moni e a Vani discutiam e na minha mente ecoava a voz “és um falhado... um perdedor... acabaste de perder tudo, o teu amor já não te pertence...”. Pareceu-me algo como um *dejá vu*. De volta à realidade, não tive mais forças para continuar a presenciar aquele cenário. Retirei-me.

Quando saí do quintal, as lágrimas ganharam coragem de passar pelos meus olhos. Percebi que a Vani me seguia. Ordenei:

- Pára de me perseguir.

Mas ela insistiu:

- Podemos conversar?

- Não, não podemos. - Respondi.

- Por quê, Jorge?

Caminhei novamente na direção dela e beijei-a. Ela não rejeitou, senti a timidez nos seus lábios, o tremor das suas mãos. Tudo me dizia, no seu corpo, o contrário do que eu pudesse naquele instante imaginar. Ela nem forças teve para me afastar.

- Isto é o que tu amas de verdade. Eu sou aquele que fala com o teu coração... ele é só uma ilusão que queres viver! - Murmurei, deixando a minha cabeça repousar na dela.

- Não é verdade... - Titubeou, constrangida, a Vani.

- Então por que não me afastaste quando te beijei? Por que razão o teu coração está a bater descompassado e a tua voz tão trémula? Por quê todos os porquês que estão a passar-nos agora pela cabeça?

- Eu não sei... - Murmurou Vani. - Talvez eu goste um pouco de ti, mas o homem que eu amo é o José.

- Sendo assim, que faço eu na tua vida? Diz-me.

- És o meu melhor amigo. Nós crescemos juntos, vejo-te como um irmão. Namorar contigo seria imoral para mim.

- O José também cresceu connosco...

- Mas ele não conviveu o bastante connosco, apenas o víamos na escola. - Respondeu-me.

- E como te apaixonaste por alguém que mal conheces?

- Mas eu conheço-o muito bem. - Esclareceu. - Se me amas mesmo como dizes, sê feliz por mim, por favor!

- Eu não posso... não consigo, Vani.

- Então, tenta. - Procurou convencer-me - Sei que se tentares vais conseguir. Peço-te!

- Está bem. Vamos ver. - Consenti.

- Promete-me que vais tentar. - Disse ela fitando-me nos olhos.

- Prometo.

Vani puxou-me pelo braço.

- Anda, vamos voltar lá para dentro, pateta.

Uma gota de riso caiu pela minha boca. Regressámos à festa. Ficámos mais alguns minutos e voltámos a sair.

Na segunda-feira começámos as nossas visitas, fomos à casa do pianista louco, Ribeiro Kavulamine. Um pianista e violinista chokwe, que tocava músicas para despertar os loucos. Ele dizia que “o louco não é um doente, é um ser que vive num universo que não podemos compreender”. E ele tocava para trazer a este mundo esses viajantes.

Relatou-nos que quando era adolescente tinha, por vezes, alguns surtos. A raiva sobreaquecia-lhe os neurónios fazendo-o viajar por um mundo sem oxigénio. Desse modo ficava sufocado e, conseqüentemente, isso trazia-lhe uma frustração louca. Apenas o respirar do piano e do violino o acalmavam. Algumas vezes também o soprar dos saxofones. Foi assim que ele encontrou luz na sua vida e, desde então, caminha com ela para o iluminar e iluminar aqueles que viajam no mesmo universo.

Três dias depois, fomos visitar o poeta da alegria. Ele dedicava o seu tempo a visitar centros psiquiátricos onde recitava poesia aos que chamamos de malucos ou doentes mentais. Aquele poeta recitava com um grande amor dentro dele recusando-se a usar termos como ódio, vingança, desamor. Mesmo sem ter registo de recuperações, os psiquiatras confirmaram-nos que as suas poesias relaxavam os doentes.

Quando terminámos a nossa entrevista e nos preparávamos para irmos embora, o poeta da alegria pediu-nos que ficássemos para apreciar a sua declamação do poema “Poesia é Terapia”. Aguardámos, então.

Após o almoço, no refeitório, recitou o poema para todos os presentes.

*“Poesia é terapia*

*É telepatia, levanta o ânimo*

*E eu amo*

*Amo quando mexe a alma*

*Poesia é terapia*

*Rima com psicologia*  
*Porque pode estudar a mente*  
*Num gesto suave e eloquente*  
*Poesia é terapia*  
*Rima com filosofia*  
*Geografia*  
*Biologia*  
*Poesia é terapia*  
*Porque*  
*Relaxa*  
*Procura e acha*  
*A mais pura magia*  
*Poesia é o estudo da alma*  
*Conjunto de versos que acalmam*  
*Rimas que alimentam*  
*A alma”*

Gritou-nos a magia da poesia pela primeira vez na nossa viagem e, aquele som do gemido mágico, soou-nos agradável e tranquilizante.

Fizemos muitas visitas depois daquela. Visitámos muitos artistas que nos deram os seus depoimentos de como a arte mudou as suas vidas.

O senhor Chimuna era o melhor amigo do meu pai e, quando ouviu falar do nosso trabalho, ofereceu-nos dois convites para o irmos visitar na galeria. Depois de fazer a apresentação do seu quadro, conceder-nos-ia uma entrevista.

## Capítulo 13: Uma lição importante

[ainda narração do Jorge]

No dia em que fomos à galeria, percebi que aquela parte de mim que pertencia à Vani fermentava ainda mais. Quanto mais fermentava, mais pesava e eu não aguentava.

Portanto, disse-lhe:

- Eu não posso mais... não aguento.

- Não aguentas o quê? - Perguntou a Vani.

- Fingir que podemos ser só amigos.

- Por favor, não me venhas de novo com essa conversa...

- Mas o meu coração está a gritar por ti! - Interrompi.

- Pois diz-lhe que se cale. Prometeste que irias ten... - Beije-a antes que terminasse. Ela ficou desorientada e perdeu-se nos meus lábios. Vivemos aquele beijo como se estivéssemos no último lugar do mundo. Fomos obrigados a terminá-lo pois encontrávamo-nos na rua, mas as nossas testas ainda se apoiavam uma sobre a outra.

- Eu não... eu não te amo assim... - Titubeava Vani, em suspiro.

- Então, por que me diz o contrário o teu corpo? Por que é que os teus lábios me agarram como se não quisessem soltar-me nunca mais? Por quê isso? Não percebeste ainda que ambos sentimos o mesmo amor?

- Não, Jorge. Eu amo o José. Amo o José desde criança. Ele é o amor da minha vida. - E insistia no mesmo argumento tolo.

- Não é não. O José é uma imagem que tu criaste para idolatrar. Recuso-me a usar a palavra obcecada porque nem eu quero que seja verdade, mas encacharia muito bem.

- Mentira... - Vani mostrou-se obstinada.

- Gostaria de pensar o mesmo. - Suspirei.

- O que eu sinto por ele é verdadeiro. - Suspirou em sintonia comigo, de olhar descaído.

- E por mim? - Indaguei - Para de tentar fugir disso...

- Mas eu não sinto nada por ti. - Reclamou Vani.



- Explica-me, então, do porquê deste teu respirar fundo?! Do porquê as tuas mãos frias suam?! Do porquê o teu coração bate assim, forte como um vulcão em erupção?! Por que que ficas pálida quando concentras o teu olhar no meu, ainda que por apenas cinco segundos?! Se me deres esses porquês, prometo esquecer-te.

Vani ficou sem palavras, pensativa. Mas percebia que tinha que me dar uma resposta, tinha que falar qualquer coisa.

- É possível que eu sinta algo por ti. Talvez por isso vou dar-te uma oportunidade, mas terás que concordar com a condição que te vou propor.

- Diz! - Fiquei ansioso e feliz.

- Vamos namorar, sim, mas não vou deixar o José. Preciso de entender no que isto vai dar. Se der certo, afasto-me dele para ficar contigo para sempre.

- Aceito, Vani. - Concordei sem pensar. Voltei a beijá-la novamente e ela entregou-se sem timidez desta vez.

Entretanto, quando chegámos, encontrámo-nos com o José e a Moni. A Vani, como sempre, atirou-se como uma doida para os braços do José e agarrou os seus lábios.

Finalmente, lá fomos entrevistar o senhor Chimuna.

Ele, dramaticamente, contou-nos:

[...]

Os meus pais morreram quando eu tinha doze anos e o meu irmão mais velho, quinze. A morte dos nossos pais arrasou comigo e a depressão tornou-se um conforto para o meu coração. Eu passava os dias a chorar e quando não tinha forças para chorar mais, tornava-me parte de um mundo triste, agonizante e silencioso. O meu irmão, vendo-me naquele estado, tentava consolar-me, mas nada adiantava. Passou um ano e o meu estado emocional não mudava. Como o meu irmão gostava de apreciar pinturas, obrigou-me, um dia, sob ameaça de me dar uma tarefa, a desenhar uma árvore murcha que estava na vizinhança. Peguei nos meus antigos pincéis e sentei-me para fotografar a árvore na minha tela. Mais tarde, o meu irmão aproximou-se com um amigo, pediu-me o desenho e eu entreguei-lho, a tremer. Observaram o meu trabalho por alguns segundos e depois disso, o meu irmão perguntou-me:

- Puto, explica-me o que desenhaste.

Eu respondi-lhe quase a chorar:

- A árvore! O mano não me disse para desenhar esta árvore?!

Ele repetiu de novo:

- Explica-me o que desenhaste, porque isto não é uma árvore.

- É sim. - Assegurei. - Desenhei-a conforme ela está.

- E como é que ela está?

- Está murcha.

- E por que é que está murcha?

- Não sei, talvez porque é da sua natureza. Quando estas árvores atingem uma certa idade, começam a ressequir. Ou, então, será por falta de água.

- Então, estás a dizer que ela está a morrer? - Continuou o meu irmão.

- Sim... - Vacilei.

- E por que é que as outras árvores em redor desta não param de dar frutos?

- Só porque uma árvore secou, não quer dizer que todas as outras devam parar de dar frutos.

- Por quê?

- Porque é da natureza de todas que, a seu tempo, tenham que murchar. Não acontece ao mesmo tempo com todas. - Falava já com raiva por todas aquelas perguntas, mas quando percebi o objetivo do meu irmão, fiquei em silêncio.

Ele concluiu, por fim:

- A morte é da natureza de todos. Ninguém quer esquecer o ente que partiu, mas isso não nos pode impedir de frutificar. Sê feliz e vive a vida como os nossos pais quereriam. Vê as bananeiras com os seus filhinhos. A mãe pode até secar, mas as pequeninas não param de crescer e contribuem para manter a geração. Eu também sofro bastante com a morte dos nossos pais, mas a minha tristeza é como a das bananeiras... Não podemos parar.

- Só que eu não consigo esquecer, tudo me leva ao dia em que morreram. - Retorqui.

- Eu estou aqui para lutar ao teu lado nesta batalha. - Afirmou o meu irmão - O que te deixava mais feliz quando tinhas cinco aninhos era pintar, então, encara a tua tristeza como uma fonte de inspiração, uma oportunidade para canalizar essas emoções

e transformá-las em algo útil, tanto para ajudar aqueles que passam pela mesma situação que tu, como para aliviar a tua tristeza.

Desde aí, comecei a pintar com muita paixão, para direcionar as emoções mais tristes transformando-as em vidas que recrio nos meus quadros. Recentemente, quando o meu irmão morreu, algumas memórias ressurgiram para apagar os traços da minha recuperação e a depressão tornou-se de novo minha amiga. Enquanto eu me isolava como um covarde com medo de enfrentar sozinho a realidade, o meu sobrinho sofria e o sofrimento dele fazia-o desenvolver uma doença mental que o impedia de sentir empatia, porque a raiva e o ódio tomavam conta do seu coração. O problema do meu sobrinho era mais um peso que não queria carregar, por isso ganhei coragem de sair da depressão para o ajudar.

Então, respondendo à vossa questão de como a arte influenciou a minha saúde emocional, poderei dizer-vos que ela me serviu como um remédio e terapia para me tirar do mundo da depressão.

[...]

Assim terminámos a entrevista com o pintor de emoções.

Acompanhei a Vani a sua casa e regressei à minha. Ao longo dos dias fomos fazendo outras entrevistas até que terminámos o trabalho com todos os artistas que estavam na nossa lista.

Após isso, decidimos agrupar a matéria que iríamos defender. Juntámo-nos em minha casa para concluirmos a tarefa. No meu quarto, sentámo-nos na cama e começámos a fazer o trabalho que se tornava cansativo devido à quantidade de informação que havíamos reunido.

De repente, a Vani começou a acariciar-me as costas fazendo subir as suas mãos até aos meus ombros de uma forma que nem consigo descrever. Fiquei relaxado. Agarrámo-nos aos beijos e deixámos os corpos viajarem sobre o tempo. Quando chegávamos ao terceiro continente, ouvimos a porta abrir e virámos o olhar nessa direção. Era a Moni. Ficou zangada e começou a gritar como uma louca, “*Que lixo é este?!*”.

Ela gritava e tanto eu como a Vani não conseguíamos pronunciar uma palavra.

Depois, Moni retirou-se. Ficámos ambos com as mãos na cabeça, tentando encontrar uma solução. A Vani vestiu-se rapidamente e foi-se embora.

Durante a noite pensei como me justificaria perante a minha amiga, sem deixar os seus sentimentos pior do que já se encontravam.

Na manhã seguinte, procurei conversar com ela.

- Então?... - Lancei num suspiro.

- Então o quê? - Perguntou chateada.

- Sabes, Moni, eu não sei como te dizer isto de outra forma, mas estou com a Vani.

- Pois, eu percebi. Ontem vi-vos juntos. Demasiado juntos... - Retorquiu a Moni

- Porque estão a fazer isto? - Indagou.

- Porque nos amamos...

- A sério?! E o José fica aonde, entre vocês? Achas que isso é justo para ele?

- E qual é a ideia de defenderes o José? Tu odeia-lo! - Lembrei-lhe.

- Sim. E porque será? Não será pelas mesmas parvoíces que vocês estão a fazer agora? Querem que eu também vos odeie?

Não consegui argumentar nada. Calei-me e ouvi apenas o que ela tinha a dizer:

- Jorge, vocês são os meus melhores amigos e o que mais me agrada é vê-los felizes. Se vos faz felizes ficarem juntos, estejam à vontade, mas sejam sinceros com o José. Ele e ninguém merece isso...

Considerarei acatar o conselho da minha amiga. Comemos e depois saímos. Chegados à praça, ela ficou e eu continuei o caminho rumo a minha casa.

## Capítulo 14: Uma lágrima qualquer

- Não somos fracos. Nós somos fortes, com a capacidade suficiente para exprimir as nossas emoções. Só o toma como conceito de fraqueza quem não entende o que é isso... chorar. Porque chorar é mais, muito mais do que aquilo que a nossa mente nos pode dizer. É declamar amor à vida, é pintar emoções nos corações de gente que sabe o que sente, que sabe o que ama e, tantas vezes, gente de bem. É sentir o calor da dor. A água que cai pelos meus olhos, cai sempre por um motivo especial e importante que vem do meu coração e do meu eu... Por isso é que chorar é a melhor das opções. Assim posso sentir que ainda sou humano.

Assim comentou o José aos machistas que iam connosco no táxi. Eles diziam que os homens não choram, quem o faz são apenas as mulheres que já são fracas desde que nascem e, por isso, precisam de chorar para justificarem as suas insuficiências e outros muitos motivos que deixam qualquer homem maluco ao tentar descobri-los.

Estávamos a ir para Calonda, a pequena comuna do município de Lucapa. Quando o José começou a ter aquela conversa com os machistas, como resposta às suas ofensas sarcásticas e insultos, coloquei os fones nos ouvidos e fechei os olhos até chegarmos. Enquanto descíamos na paragem de Calonda, o José despediu-se dos outros como se fossem amigos e eles devolveram na mesma sintonia.

Apanhámos outro táxi que nos levou ao Centro de Calonda. Durante o trajeto, o José perguntou-me:

- Já foste a um teatro?

- É claro que já. O ano passado fui ao show dos Tunezas. - Respondi de imediato.

- Não esses, estou a falar de uma peça dramática, onde os atores não precisam de chorar porque as suas palavras já carregam as lágrimas.

- Mas que tipo de peça? - Questionei.

- Semelhante às do Shakespeare.

- Ainda não...

- Então prepara-te, porque a nossa primeira paragem é no teatro Kavulamine.

O Jovem de 20 anos, Adilson Kavulamine é o diretor, roteirista e professor de teatro da sua própria escola “*Wa hassa*” que significa, em português, “você conseguiu”.

É o maior promotor de arte no leste e os seus atores treinados para que, quando entrem em palco, se transformem nos papéis que interpretam.

Quando chagámos, entrámos e sentámo-nos. Infelizmente, chegámos na última cena do último ato.

Haviam dois homens numa sala semelhante à sala de um programa de televisão. O “entrevistador” fazia perguntas ao “entrevistado” que se encontrava, confortável, no seu cadeirão, com um copo de café.

[...]

*Entrevistado:* Quando a insónia me persegue de madrugada, percorro pelo rio em busca de águas sonhadas... Afogo-me em reflexões para chorar aquilo que a minha alma se acobarda a explorar.

*Entrevistador:* O quê?

*Entrevistado:* O sonho.

*Entrevistador:* Sonho de quê?

*Entrevistado:* De tudo o que vai cair e no seu lugar erguer-se o melhor.

*Entrevistador:* Qual é a destreza que lhe corre nas veias?

*Entrevistado:* A de poder esquecer. Por isso me é fácil esquecer daqueles que tanto mal me fizeram.

*Entrevistador:* E assim não te esquecerás dos teus companheiros amigos?

*Entrevistado:* Não, porque esses são uma parte de mim. É impossível esquecer esses outros pedaços que constituem o meu todo.

*Entrevistador:* Plausível! Pondero eu e ousou indagá-lo: qual é o teu maior sonho?

*Entrevistado:* Amar até aquele que o mundo crê não merecer amor nem de si mesmo. E ajudar quem realmente precisa da minha ajuda.

*Entrevistador:* Sonhas um dia ser rico?

*Entrevistado:* Esse é um desejo que me preenche a alma. Quero, um dia, que os meus cartões de crédito estejam inundados de milhões de sabedoria, de aprendizagens, para encarar o mundo e dele fazerem parte apenas os meus “puros” pensamentos.

*Entrevistador:* E o que gostarias de mudar no mundo?

*Entrevistado:* O mundo é como é, não posso fazê-lo ao meu gosto. Porém, creio que se houvesse algo que muitos quisessem mudar, isso eu também mudaria: do mal para o bem.

*Entrevistador:* Existem momentos em que queremos agarrar o tempo, mas ele corre para o além do horizonte onde não o podemos pegar para o mudar. Por isso, com imensa tristeza, anuncio que chegámos ao fim do nosso programa.

*Entrevistado:* Grato pelo convite.

[...]

Os atores levantaram-se, os que estavam fora do palco subiram para agradecerem.

Foi maravilhoso! Todos nos levantámos para aplaudir aqueles magníficos atores.

Depois fomos ter com o Kavulamine. Era amigo do José e foi ele quem nos convidou para assistirmos à peça "O Homem Sonhador".

Depois do teatro fui passear com o meu homem. Levou-me a vários lugares que eu não conhecia. Pelo meio-dia, as nossas barrigas começaram a chorar por um presente que lhes enchesse o vazio. Entrámos num restaurante.

- O que vão querer? - Perguntou o empregado de mesa.

Olhámos para o menu por alguns instantes e eu pedi para mim:

- Eu vou querer *funji* com *sumbi* cozido na *mwamba* branca.

- Certo. E para o jovem? - Perguntou, voltando-se para o José

- Eu vou querer apenas um prato de *calulú*. - Respondeu José.

Trouxeram os venenos para matarmos a fome e, enquanto a assassinávamos, conversámos sobre assuntos pessoais para nos conhecermos mais profundamente. Ele parecia falar de um modo sincero comigo.

Quando acabámos o prato principal, seguiu-se a sobremesa e, antes do José tocar na sua sobremesa, acariciou-me o queixo e afirmou:

- Chegou a hora da segunda surpresa.

No restaurante havia uma banda com instrumentos musicais e um mini palco.

Então, o José foi até lá e sussurrou ao ouvido do violinista. Em seguida, subiu ao palco e segurou o microfone. Acenou com a cabeça ao violinista e, seguidamente, fechou os olhos. O violinista começou a tocar uma linda e calma música. Ao som dos acordes, o José começou a declamar:

*“Este é um poema de amor  
tão meigo, tão terno, tão teu...  
É uma oferenda aos teus momentos  
de luta e de brisa e de céu...  
E eu,  
quero te servir a poesia  
numa concha azul do mar  
ou numa cesta de flores do campo.  
Talvez tu possas entender o meu amor.  
Mas se isso não acontecer,  
não importa.  
Já está declarado e estampado  
nas linhas e entrelinhas  
deste pequeno poema,  
o verso;  
o tão famoso e inesperado verso que  
te deixará pasmo, surpreso, perplexo...  
eu te amo, perdoa-me, eu te amo...”*

Ele declamou o poema da Cora Coralina que sempre mais mexeu com o meu coração. É um dos poemas que mais amo. Levantei-me feliz e eufórica para lhe dar um abraço e um enorme beijo e agradecer-lhe pelo seu gesto tão bonito. Todos no restaurante acharam lindo o que ele fez. E era mesmo.

Entretanto, quando saímos do restaurante fomos caminhando de mão dadas pelas ruas do centro, vendo os antigos edifícios que existiam na vizinhança. Quanto mais



andávamos, mais o meio-dia ficava para trás. Assim que chegámos à estrada principal que liga Calonda a Lucapa, o José disse que era chegada a surpresa final.

Vendou-me os olhos e eu caminhei apenas cofiando nele. Andámos mais ou menos uns quinhentos metros até que ele decidiu carregar-me nos seus braços por mais cinquenta ou cem metros. Chegámos ao tal destino desconhecido. Ele tirou-me a venda e gritou:

- Surpresa!

- Uau! - Pasmada, contemplei o deslumbrante lugar. Era uma paisagem linda.

Encontrávamo-nos numa espécie de montanha e olhávamos para um desfiladeiro repleto de árvores verdes, todas do mesmo tamanho, todas elas parecidas. Os caminhos ali eram poucos pela rara visita dos habitantes e turistas ao local, mas era um lugar magnífico e pacífico onde reinavam apenas os sons de aves.

Sentei-me no chão, de boca aberta, a observar a linda paisagem onde apenas os pássaros emitiam gorjeios de alegria. Ele segurou a minha mão e deu-me um beijo, em seguida suspirou.

- O meu pai e o meu tio nasceram aqui e como eles eram aventureiros, descobriram este lugar. O meu pai considerava este lugar muito especial, por isso me trazia aqui quase todos os fins de semana. Quando ele morreu, a localização e as imagens deste lugar apagaram-se do meu consciente até ao momento em que me pediste para dar importância ao que o meu pai me mostrou, de modo a manter viva a minha geração...

Apoiou-se no meu ombro. Nós dois no meio do silêncio, a observar a paisagem enquanto os olhos do José se enchiam de lágrimas.

- O que aconteceu depois do teu pai morrer? - Perguntei.

- Enterrámo-lo.

- Não, eu quero dizer, o que aconteceu contigo depois do teu pai morrer?

José suspirou.

- Três meses depois dele ter morrido, nenhum riso ainda se atrevia a passar pela minha boca. A solidão, a saudade e a culpa faziam-me desenvolver uma raiva instável! Se alguém tentasse contar-me uma piada para me fazer rir, eu espancava-o. Houve até um dia em que me chamaram de psicótico porque o cão do nosso vizinho deu uma mordidela ao meu primo de nove anos e eu assisti sem fazer nada para ajudar. Mesmo

depois dele ser mordido, não fiz nada além de ficar ali a assistir. Foi aí que a minha mãe achou que eu estava mal da cabeça, porque nada mais me importava. Então, o meu tio e ela marcaram terapias com especialistas, mas eu fugia deles ou fazia de tudo para que eles não quisessem ajudar-me. Quando me fartei de todos os psicólogos e psiquiatras de Lucapa, nenhum especialista me quis ajudar mais. E enquanto eu acreditava que não precisava de ajuda, a minha situação apenas piorava a olhos vistos. - Abrandou um pouco a confissão e olhou para mim com sorriso subtil - Sei que vocês se perguntam por que passo pela diretoria da escola todos os dias. Bom, o diretor Benedito era o melhor amigo do meu pai. Ele formou-se em psicologia e, quando soube do meu caso, valeu-se do seu cargo na escola para me obrigar a ajudar-me a mim mesmo. Prometeu que se eu não fosse visitá-lo todos os dias, iria punir-me com um castigo pior do que os meus pensamentos poderiam imaginar. No princípio resisti, mas ele mostrou-me mesmo do que era capaz... Felizmente ele conseguiu acalmar os meus nervos e deu-me ferramentas para sair do mundo da raiva. Tornámo-nos grandes amigos e, mesmo depois do término da terapia, continuei a ir lá porque era bom conversar com ele.

Olhei para ele com o semblante de pena que deitamos sobre os outros depois de ouvirmos uma história tão triste. Ele levantou-se, sacudindo-se, enquanto dizia com aquele seu sorriso característico, estampado no rosto:

- Chega do passado triste, vamos aproveitar o momento.

Descemos a ravina e perfurámos a mata até chegarmos a um lago com águas cristalinas. Estava tão feliz que pulei para a água antes mesmo de tirar a roupa. O José pousou a mochila no chão e acompanhou-me no *nduxi*.

O lago não era muito fundo, tinha cerca de um metro de profundidade. Também não era visível nenhum animal naquelas águas frescas e limpinhas.

Brincámos bastante na água. Quando saímos, já estávamos bem cansados.

Deitámo-nos numa pequena porção de areia enquanto olhávamos para as nuvens calmas e silenciosas. O som dos pássaros talvez, trouxe-me de volta àquela questão e novamente saiu da minha boca.

- Como vai ser agora?

- Quero ficar contigo. - Afirmou ele.

- E a Vânia? - Recordei-lhe.

- Ainda não sei como o fazer, mas assim que voltarmos, vou terminar com ela.

- Não faça isso. - Pedi.  
- Também não é a minha intenção magoá-la, mas tem de ser.  
- Então não o faça, porque me parece que ela vai terminar também contigo.  
- O que te dá essa certeza? - Perguntou ele, surpreendido com a minha conclusão.

- Digamos que é o sexto sentido das mulheres. - Respondi-lhe, confiante.  
- E esse teu sexto sentido disse-te que é possível que ela esteja a trair-me? -  
Mostrou curioso, o José.

- Não! - Exclamei, desviando o olhar. - Por que perguntas?  
- É que... não sei, mas o meu sétimo sentido aponta para uma possível traição. -  
Disse o José.

- Cala a boca, pá. Não existe sétimo sentido! - Refilei, enquanto me levantava. -  
Olha, vou aliviar-me. - Acrescentei.

Aproximei-me de um terreno que seria o local perfeito. Estava bem capinado em forma de um círculo e, no centro, tinha um tronco cortado e plantado novamente no chão. Nesse tronco haviam restos de comida, panos sujos e muitas outras coisas que não consegui identificar porque estava com pressa.

Quando terminei, levantei-me e vi um rapaz a vir na minha direção.

Vestia somente um pano que lhe cobria o tronco e as partes íntimas. Tentei fingir que não o tinha visto, mas quando ele se aproximou e o fitei bem, percebi que era um *kandadji*. Tentei fugir, mas já era tarde demais, ele já me tinha agarrado. Comecei a gritar e a lutar com todas as forças que tinha, para que o José ou alguém viesse socorrer-me. Nada resultou. Alguns segundos depois vieram mais cinco e, enquanto me levavam, vi o José escondido entre arbustos sem fazer nada, além de nos observar. Mas por que não vinha ele ajudar-me? Por que apenas observava e não fazia mais nada? Teria sido esse o plano dele quando me trouxe para este lugar que ninguém conhecia? Mas por que faria ele isso? Por quê?

# Parte II

## Nota útil

Se realmente amou o livro e gostaria de continuar com a leitura para saber como termina a história dessa jovem e seus amigos, convide os seus para comparar o e-book e assim atingirmos as cem (100) vendas e fazermos, logo, o lançamento da obra completa no formato físico.

Caso tenha odiado o livro, por favor, não hesite em contactar o autor ou a K.HQ para expressar sua opinião, é muito importante a tua reacção.

## SINOPSE

A Mónica teve de cancelar tudo para passar suas férias ao lado do seu pior inimigo a realizar um trabalho de escola que julga desinteressante, mas acaba descobrindo a profundidade do tema escolhido pelo José, seu colega engraçado, divertido, ousado, irónico e sensível, que a levará numa aventura para descobrir como as lágrimas da poesia podem ser doces e salgadas a ponto de queimar a alma.

ISBN 978-989334611-2



9 789893 346112

